BIBLIOTECA GERAL
DA
UNIVERSIDADE
COIMBRA

<None>Março de 1998
Nº 35
Distribuição gratuita
Director: César Marques
Director adj:Manuel Pereira
Produzido pela Secção de
Jornalismo da Associação
Académica de Coimbra
Rua Pe. António Vieira
3000 Coimbra
Telefone/Fax: (039) 38934

A Cabra DOM

Jornal Universitário de Coimbra

Os quatro candidatos

Ministério pressiona Coimbra

Março, Mês da Arte

O ENDA de Lisboa

Editorial

O que é uma crítica?

Existe entre os leitores um sentimento generalizado de repulsa pela crítica. Os críticos são um bando de seres esquisitos, com gostos duvidosos e que gostam de coisas que ninguém compreende. Esta é a imagem do crítico.

E de facto, os críticos são geralmente uma cambada de frustrados em relação ao passado ou ao futuro, incapazes de sentir o presente e muito menos de o viver. Acreditam em Deus, ou sentem–se mal por não conseguirem acreditar; acreditam no futuro, ou são seres depressivos porque perderam a esperança; olham o passado com saudade do que foi bom, esquecendo sempre o que era mau; assim são a maioria das pessoas, incapazes de acreditar no momento.

Felizmente há excepções a esta regra. Pessoas há que conseguem pôr de lado todos os conceitos e preconceitos em relação ao passado ou ao futuro, e vivem intensamente o momento que se lhes apresenta. Livres para melhorar a sua condição, sem amarras a confortos menores. Infiéis a tudo menos à sua liberdade para poder optar sempre que disso sintam vontade.

Quando entram num cinema, numa sala de concertos ou num teatro, vão de espírito aberto, prontos a receber as eventuais dádivas dos artistas.

Há quem nunca leia uma crítica com medo de depois não conseguir ver o verdadeiro espectáculo, mas uma variação manipulada pela visão distorcida do crítico. Há quem não dispense a leitura da crítica, quer para decidir se vale a pena assistir in loco aos factos, quer para ter em atenção promenores que o crítico realce.

Duas pequenas notas, quem pode ser influenciado quando fizer a sua própria análise do espectáculo, geralmente não lê críticas. Os que lêem têm, quase sempre, capacidade para formular uma ideia própria.

Se a crítica está escrita num tom exaltado, há razões para desconfiar da idoneidade do autor. Pelo contrário, uma crítica bem estruturada, que aborde e aprofunde aspectos de interesse extra–técnicos, é sinal de maturidade e geralmente de bom gosto - porque os gostos podem ser comparados e há uns que são de facto melhores do que outros. Estes aspectos podem aparentar a exigência de um exaustivo trabalho de análise da crítica, mas com a prática essa análise torna–se instintiva.

Caso o leitor conheça o crítico, tudo será muito mais directo.

Uma boa crítica, ajuda o leitor a selecionar o que de facto vale a pena ver, permitindo–lhe economizar tempo e evitar uma carga de secas, podendo gastar o tempo ganho em coisas verdadeiramente interessantes. Uma boa crítica contribui, portanto, para melhorar o PIB do país.

MP

Eleições em Direito

No passado dia 5 de Março, reuniu–se a Assembleia de Representantes da Faculdade de Direito, em exercício no biénio 1998-2000, tendo como pontos da ordem de trabalhos a sua tomada de posse , a eleição da mesa da Assembleia e a eleição do Conselho Directivo. Previa–se uma sessão sem percalços, uma vez que tanto docentes como funcionários apresentaram lista única, e os estudantes, com 17 representantes da Lista R contra 13 da Lista I, pareciam ter uma maioria claramente favorável aos nomes propostos pela Lista R. A lista dos docentes, bem como a dos funcionários foi aprovada, embora não unanimemente. Surpreendente foi a votação dos estudantes , já que, estando presentes 27 eleitores, 15 pela lista R com a proposta A, e 12 pela lista I com a proposta B, os resultados vieram contrariar as expectativas: A) 13 votos; B) 12 votos ...e duas abstenções. A despeito destes actos de protesto, a Lista R, ou pelo menos parte dela, conseguiu colocar no Conselho Directivo os quatro elementos propostos, naquela que foi considerada pelo Presidente da Mesa, Doutor Figueiredo Dias, a mais célere das sessões realizadas nos últimos anos.

AG e JMA

Charivari: Revista + "Combustão"

Março foi o mês escolhido para ser lançada mais uma revista junto do público universitário de Coimbra. A publicação intiitulada de Charivari contém quarenta e oito páginas e trata-se de um projecto informativo-cultural com uma periodicidade trismestral.

Este primeiro número do Charivari tem no interior das suas páginas um dossier intitulado: "O que é uma Cidade ?" com vários artigos, críticas, crónicas e reportagens à volta da cidade de Coimbra e ainda diversas páginas relacionadas com a actividade cultural da cidade. A acompanhar a edição da revista está o primeiro livro de Neto Catritas, 18 contos apelidados de "Combustão", numa edição proposta pelo grupo editorial.

O núcleo redactorial da revista passa por pessoas ligadas ao estudo da filosofia, colaboradores relacionados com o teatro, a história, a arquitectura, o cinema, às artes gráficas e à banda desenhada. Pessoas ainda que participaram em anteriores realizações em Coimbra, tais como "Os Quatro Dias da Filosofia", a elaboração da revista “Dementia Fraterna", que escrevem para o jornal universitário "A Cabra" ou que tem executado vários trabalhos ligados à edição de poesia e à realização de actividades teatrais.

Trimestralmente a revista Charivari privilegiará a entrevista, a reportagem, a crónica e o trabalho de investigação através dos dossiers temáticos.

O projecto editorial da revista Charivari está isento de qualquer ideologia política, orientação económica ou credo religioso, mas a redação tem como prioridade fomentar e divulgar a participação juvenil nas actividades em que estes se encontram empenhados, desenvolver a crítica e promover a reflexão e o debate perante as várias práticas culturais em questão.

Mais um título para a AAC

A AAC conseguiu mais um triunfo a nível desportivo. Mónica Jorge, da Secção de Halterofilismo, ficou classificada em primeiro lugar na “Taça Dia Internacional da Mulher”, realizada no Barreiro no dia 8 de Março, tendo batido os Recordes Nacionais Júniores femininos da sua categoria dos 63 kg.

Efervescência Poética

Nos últimos tempos Coimbra foi inundada por uma corrente de poesia. Novas edições, geralmente de autor ou mesmo artesanais, sessões de leitura de poesia com diversos enquadramentos, fazem cartaz um pouco por todo o lado. Embora a qualidade seja algumas vezes discutível, as iniciativas são de louvar, pois manifestam pelo menos uma vontade de mudar alguma coisa, e uma busca de algo que quebre a insalubridade da vida urbana moderna.

As sessões de leitura de poesia têm ainda uma outra virtude, pelo menos quando os leitores não têm ainda nome nas colunas sociais, os aplausos, quando existem, são verdadeiramente sentidos e não uma mera manifestação de hipocrisia. Sendo que geralmente, ou pela profundidade dos textos ou pela falta de qualidade dos mesmos, o silêncio é a única resposta do público.

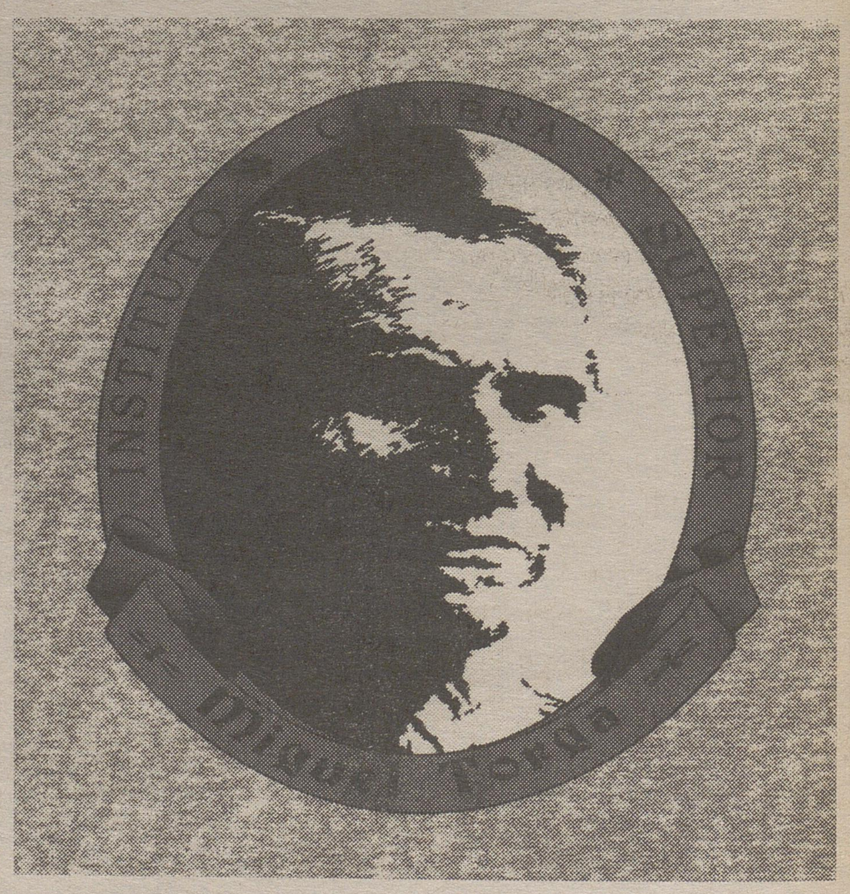
Pela qualidade destacam–se as Noites de Poesia no Bar 1910 (rua Simões de Castro, 138) que têm lugar todas as terças–feiras a partir das 22 horas. Num esquema "lê quem vai", toda a gente tem o direito (sem ter o dever) de ler o que muito bem lhe apetecer.

MP

Instituto Superior Miguel Torga - Comemorações

O Instituto Superior Miguel Torga (ISMT), sob o lema "...Uma nova Tradição", anda em grandes comemorações. Várias iniciativas têm tido lugar desde o dia 16: um "slide–show" sobre Timor, que teve lugar na Casa da Cultura; uma exposição de Fotografia intitulada "Instantes de Torga", patente no Instituto Português da Juventude; a conferência "A Mensagem de Miguel Torga" com a Prof. Dra. Teresa Rita Lopes; e o espectáculo de Teatro de João Grosso "Torga", no TAGV.

O ponto alto das comemorações está previsto para o dia 18, com a sessão solene de inauguração do ISMT, às 16 horas na Sala da Cidade, e a Corente Humana "Por Timor", com partida na Rua Oiveira Matos (em frente à sede do instituto, perto das Cantinas Amarelas) às 18 horas, e que percorrerá a Baixa terminando em frente ao edifício da Câmara Municipal. O final das comemorações está previsto para o dia 19, com um concerto por Timor com a participação dos Entre Aspas e dos Despe & Siga, às 22 horas, no Pavilhão dos Olivais.



Ficha Técnica

Directores: César Marques, Manuel Pereira ; **Edição:** Adeodato V. Pinto, Eduardo Brito, Nuno Curado, Tiago Maranhão, Rui Ferreira; **Director Gráfico:** Nuno Curado; **Paginação:** Nuno Catarino, Nuno Curado, Paulo Antunes **Redacção:** Andreia Gouveia, Bruno Ferreira, David Pereira Bastos, Fernando Nunes, Filipa Rodrigues, João Melo Alvim, Maria Luis Marinho, Nuno Brandão, Patrícia Senra, Paulo Antunes, Paulo Barbosa, Pedro Branco, Rosário Salvado, Rui Prista Cascão, Rui Mendes, Sérgio Barata, Sofia Branco, Susana Cerqueira; **Colaboradores:** Ana Cláudia Pinho, Cristina Gomes, Elsa Garcia Fernandes, Maria João Borges, Zilda Monteiro; **Fotografia:** Eduardo Brito, Paulo Antunes; **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 2000 exemplares; **Produção:** Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira; **Telefone/Fax:** (039)-38934; **Agradecimentos:** Centro de Informática da A.A.C., Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Secção de Jornalismo

Ministério da Educação pressiona Coimbra

O boicote dos estudantes da Universidade de Coimbra, legalizado pela não regulamentação do Senado da Universidade, provocou represálias por parte do Ministro da Educação, que tem o apoio do Procurador Geral da República no que diz respeito à retroactividade da Lei Quadro do Financiamento do Ensino Superior.

Na última reunião do Senado da U. C. foram previstas as datas para o pagamento da 2ª e 3ª prestações das propinas, ficando por definir o regulamento e as sanções relativas ao não pagamento destas. O resultado gerou imensa confusão e boatos infundados. Desde estudantes que afirmavam que se não se pagasse até dia 28 de Fevereiro se era automaticamente expulso da Universidade ou não se poderiam inscrever nem em 2ª Frequências nem em exames até à entrega de quinze escudos como montante de pagamento da 2ª prestação de propinas.

O certo é que, à custa de rumores como estes, muitos estudantes apressaram–se a pagar, e se até dia 26 de Fevereiro somente 2000 estudantes tinham pago, segundo os dados obtidos junto dos Serviços Académicos da UC, este número elevou–se para 7000 nos últimos dias do prazo. Contando ainda com os cerca de 8000 estudantes que por enquanto tinham sido dispensados de pagar por terem, por exemplo, requerido bolsa de estudo, constata–se que num universo de aproximadamente 20000 estudantes, ocorreu um boicote na ordem dos 35%, passando a ser este o mais participado de sempre, uma vez que até agora o maior número de boicotantes tinham sido de 3600.

Quem não pagou não incorre em qualquer tipo de sanção pois o que ocorreu não foi um boicote às propinas na sua globalidade, mas sim à segunda prestação, provando–se a regularidade da situação pelo facto de nada estar regulamentado pelo Senado da UC e a Lei Quadro de Financiamento do Ensino Superior só aplicar a anulabilidade dos actos curriculares a quem não efectuar o pagamento integral das propinas.

Legalidade esta que está a ser posta em causa se a situação não mudar pois segundo o despacho da Procuradoria Gral da República emitido em 17 de Fevereiro, a propina de 56700 escudos deve ser paga por todos os estudantes inscritos no ano lectivo 97/98.

Neste documento o Procurador afirma a constitucionalidade e legalidade da Lei de Financiamento, bem como a sua aplicabilidade imediata. Quanto à questão da retroactividade, Cunha Rodrigues defende que esta não é intolerável, sendo mesmo necessária para não gerar desigualdades. Assim todos devem



pagar a propina, independentmente de se terem inscrito antes ou depois de 17 de Setembro de 1997, data da publicação, no Diário da República, do referido diploma.

Todavia o ponto que mais polémica suscitou em volta deste despacho, e que leva algumas Associações de Estudantes a protestar contra ele, foi o facto do Procurador geral não ter homologado um parecer do Conselho Consultivo, por não concordar inteiramente com ele. O parecer emitido por este orgão, aprovado na relação de cinco membros contra quatro, concorda quer com a legalidade, quer com a constitucionalidade da Lei de Financiamento, discordando quanto ao facto desta poder ser imediatamente aplicada. Este Conselho defende que a referida legislação não deveria ser aplicada no presente ano lectivo, para que vários aspectos por ela contemplados possam ser finalizados e dados a conhecer a todos os interessados. Cunha Rodrigues reconhece que esta não regulamentação de certos aspectos da lei a torna menos coerente, mas não impede a sua imediata aplicação.

Um dos aspectos só mais recentemente regulamentado pelo Ministério da Educação foi o dos contratos–programa e dos contratos- -desenvolvimento que servem para financiar projectos específicos, criar ou melhorar infraestruturas físicas e também como uma ajuda financeira a certas instituições. Uma das instituições com a qual o M. E. já teria concordado celebrar tais contratos seria a U.C., uma vez que Rui Alarcão à muito se queixava da não contemplação, em Orçamento de Estado, do financiamento dos chamados Serviços Anexos (Teatro Académico de Gil Vicente, Biblioteca Geral e Estádio Universitário), visto que servem não só os estudantes, mas também toda a comunidade.

Porém o Ministro da Educação ao regulamentar os contratos–programa inseriu uma contrapartida de vulto à sua assinatura com as Universidades. O regulamento aprovado em Conselho de Ministros à cerca de duas semanas impõe que a celebração dos contratos dependa da regularização do pagamento das propinas por parte das instituições de ensino. Assim através desta imposição bastante intencional, o Ministério pretende pressionar as Universidades, mais concretamente a de Coimbra, no sentido de tomar posição face à contestação dos estudantes, alertando para a possibilidade da celebração dos contratos–programa ficar condicionada ou mesmo vedada.

Apesar destas "ameaças" Rui Alarcão confia que a situação não constituirá um impedimento ao prometido apoio financeiro que tanto beneficiará os estudantes e a comunidade Coimbrã.

Confirmada no entanto está uma Assembleia Magna no dia 18 de Março e uma manifestação, dia 25, em Lisboa onde estarão reunidos estudantes de todo o país, como protesto quer contra as propinas quer contra a "chantagem" de que estão a ser alvo as Universidades.

Susana Cerqueira
e Bruno Ferreira

FENPROF apoia estudantes

A FENPROF numa medida de solidariedade à luta dos estudantes contra as propinas apela a todos os docentes do Ensino Superior para que permitam o acesso dos alunos ás aulas independentemente de terem regularizado o pagamento das propinas. Incentiva a normal sucessão de acontecimentos no que se refere à realização de provas de avaliação e lançamento das repectivas classificações. Esta posição é defendida para evitar a não instrumentalização dos professores no que concerne às represálias levadas a cabo pelo M.E..

Por outro lado a solidariedade manifestada por este sindicato deriva do anterior apoio dos estudantes na luta dos professores pela obtenção de maiores salários e melhores condições de ensino, factores determinantes da contestação conjunta contra o desinvestimento do Estado no Ensino Superior Público.

Cunha Serra, coordenador do Departamento do Ensino Superior da FENPROF, exige como pressupostos básicos necessários ao aumento da qualidade do Ensino Superior que se proceda à concretização efectiva de prioridade á educação, mediante o incremento significativo dos recursos do Estado postos ao serviço do Sistema Educativo; aumento da justiça fiscal; desenvolvimento de uma política de criação de oportunidades de emprego; participação dos parceiros sociais (organizações representativas de professores, estudantes, funcionários não docentes e pais) na definição de uma política educativa de amplo consenso social.

São exemplos de medidas concretas, nomeadamente, a correcção ao Orçamento de Estado para 1998, uma vez que lhe foi subtraído o montante previsto para a cobrança de propinas; a revogação da Lei 113/97, devido, em particular, ao acentuado e injusto aumento das propinas que institui, sobrecarregando ainda mais os estudantes e suas famílias que suportam já elevados custos de frequência do ensino superior, e porque não vem no sentido do preceito constitucional que estabelece progressivamente a gratuitidade de todos os graus de ensino (Artº 74 al. e da CRP); a aprovação de contratos–programa (cuja propositura deve ser apoiada pelo M.E. e solicitada a todas as instituições) que incentivem o aumento de qualidade, que garantam a equidade das instituições no acesso a tais contratos e ao financiamento respectivo; eliminação, a curto prazo, do sistema de restrição global do acesso ao ensino superior público (numerus clausus); exigência às instituições do Ensino Superior Particular e Cooperativo das mesmas regras de acesso estipuladas para o Ensino Superior Público. Medidas estas cuja aprovação ainda não ocorreu por parte das diversas associações de estudantes.

S.C. / B.F.

Estátuas de Luto Contra a Lei

Cumprindo uma das deliberações da última Assembleia Magna, a qual consiste em tapar de negro sucessivamente todos os símbolos da Academia, no dia 11 de Março os estudantes realizaram mais um acto de contestação à LFES e à política educativa do Governo.

Eram cerca das 23:30 quando elementos da DG e os poucos voluntários presentes começaram a cobrir o símbolo da AAC, no edifício da própria. Em seguida, munidos do material necessário, dirigiram–se para a Faculdade de Letras onde pintaram os plásticos que iriam "vestir" as quatro estátuas que ali se encontram. Slogans como "Estamos em boicote", "+Bolsas", "+Qualidade", "E.S. Público", foram ditados pela inspiração do momento. Em seguida foi tapada a placa da Fac de Farmácia com uma faixa com a frase "Qualidade?", e cobriram–se, com alguma dificuldade, as cabeças das 12 restantes estátuas. Apesar de tudo ter corrido bem, não se pode deixar de perguntar, com toda a frontalidade, onde estavam os restantes estudantes que aprovaram esta acção na última Magna?

As reacções a este acto, por parte dos estudantes mais desinteressados, foram variadas. "Acho uma maneira engraçada de protesto" e "isto não vai adiantar nada, era preciso ser–se mais radical", foram algumas das opiniões recolhidas pel'A Cabra.

Pedro Branco

Opinião

Um Reitor para o século XXI

Os dias 4 e 6 de Maio foram as datas escolhidas para se proceder à eleição em que Fernando Rebelo, Lélio Lobo, Reis Torgal e Sá Furtado depositam fundadas esperanças de se virem a tornar o primeiro Reitor do século XXI da Universidade de Coimbra. Em conversa com "A Cabra" os quatro candidatos expuseram as suas ideias e opiniões, refutaram "colagens" partidárias e definiram os problemas–chave a resolver no mandato seguinte aos 16 anos de governo universitário do Reitor Rui de Alarcão.

Se é consensual afirmar–se que a Universidade precisa de mudar e adaptar–se ás novas realidades, é ao próximo Reitor que incumbe protagonizar esta mudança.

Numa universidade inquieta e conservadora como é a Universidade de Coimbra, onde se encara com desconfiança qualquer alteração à ordem existente, o próximo Reitor terá de mudar muita coisa sob pena de em pouco tempo se perder o prestígio conquistado em oito séculos. Não será fácil, sobretudo, porque em última análise tudo passa por uma alteração de mentalidade.

Se à primeira vista conseguir mais dinheiro e instalações è importante para a sobrevivência da instituição, fundamental será adaptá–la às novas realidades e prepará–la para o futuro.

Importa abandonar uma prática de gestão corrente e ao sabor das decisões que urgem tomar para passar a trabalhar em função de um plano estratégico para a Universidade, isto é, com objectivos definidos. Enquanto não se discutir e decidir que universidade queremos no futuro seremos sempre ultrapassados pelas circunstâncias e conveniências do momento. Basta de remendos!

De nada adianta por exemplo conseguir mais dinheiro, instalações e promover a imagem da Universidade se não mudarem também velhos hábitos. Há que facilitar procedimentos administrativos (através da modernização e descentralização do sistema de matrículas, inscrição em exames, currículos, etc.), informatizar as Faculdades (garantindo um acesso livre e adequado ás novas tecnologias como a Internet e a WWW), apoiar a investigação (acompanhando os investigadores, fornecendo–lhes informações sobre bolsas/concursos e acesso a meios indispensáveis), investir a sério na mobilidade e nos programas de intercâmbio de estudantes e docentes (abandonando um sentimento de repúdio e suspeição por quem obtém qualificações e graus noutras universidades nacionais e estrangeiras), encarar de forma séria e interiorizar a avaliação das Universidades (como algo que serve para detectar e corrigir deficiências), praticar uma gestão transparente e moderna (recorrendo a uma assessoria qualificada que evite gastos desnecessários e injustificados), aprofundar a ligação e colaboração com a sociedade em geral (trabalhando em colaboração com empresas/instituições, garantindo e acompanhando a inserção dos recém licenciados e obtendo fundos) e divulgar e promover a Universidade de Coimbra no exterior de forma moderna, recorrendo a métodos e técnicas agressivas (como forma de captar melhores parceiros, estudantes, docentes e manter o reconhecimento de prestígio).

Assim, ao próximo Reitor, não bastará gerir, há que ter a coragem de imprimir um novo dinamismo e protagonizar uma mudança clara.

Rui Mendes
(Vice-presidente da DG/AAC em 96/97)



A um mês e meio das eleições as divergências de ideias e posturas dos candidatos não são muito visíveis. Desdobram–se, por isso, em contactos, essencialmente entre estudantes e funcionários uma vez que os docentes eleitos para a Assembleia da Universidade, há cerca de uma semana, constituem, em muitos casos, votos já "conseguidos". O processo de eleição do Reitor e a necessidade da sua remodelação é, aliás, um dos pontos de crivagem entre os vários candidatos. Desconhecido da maior parte dos estudantes, o processo de eleição é para Reis Torgal "lento e pouco motivador". São os 280 membros da Assembleia da Universidade, eleitos previamente de entre os seus pares, que através de voto directo e secreto elegerão o próximo Reitor da UC, no dia 4 de Maio, no caso de um candidato vencer com maioria absoluta, ou no dia 6 de Maio, no caso de se ter que proceder a uma 2ª volta.

Com um poder de decisão superior ao possuído por estudantes noutras universidades, os alunos representantes na Assembleia da Universidade podem constituir o factor decisivo na eleição. São 101 alunos que representam 36% da Assembleia, para além de 10 % de funcionários e 54% de docentes. Com os votos dos docentes a dividirem–se pelos quatro candidatos, uma votação em bloco dos estudantes num dos candidatos pode, realmente, tornar–se fulcrar para o resultado final, essencialmente na primeira volta.

Apesar de reconhecerem o carácter político que esta eleição acarreta, não aceitam que as suas candidaturas sejam consideradas como fruto de vontades partidárias. Assumindo–se todos como independentes, reconhecem o pender das suas ideologias para a esquerda, o que não os impede de serem críticos acesos das políticas do governo socialista quando assim o consideram importante. No entanto, Reis Torgal e Fernando Rebelo acabam por se mostrar mais avessos à actual política educativa do ministério da educação do que os outros candidatos. Afirmam a necessidade de se repensar o financiamento das universidades e salientam a importância de rentabilizar certas qualidades internas da Academia.

Curioso é o facto de os quatros candidatos provirem de apenas duas faculdades: Sá Furtado e Lélio Lobo da FCTUC e Fernando Rebelo e Reis Torgal da FLUC. À hipotética guerra Faculdade de Ciências–Faculdade de Letras adiantada por alguns jornalistas, todos os candidatos consideraram não se poder delimitar as candidaturas a uma ou outra faculdade, todos dizendo serem candidatos de toda a universidade.

Fernando Rebelo, Lélio Lobo e Reis Torgal parecem mostrar–se bastante interessados no fortalecimento de relações da UC com outras universidades e instituições nacionais e estrangeiras. Sá Furtado, apesar de não parecer descurar as relações exteriores mostrou–se essencialmente preocupado no melhoramento das capacidades internas da academia e das relações com os seus membros.

Compreender as diferenças entre os quatro candidatos acaba por ser a tarefa mais díficil para quem não tome contacte pessoal e faça uma análise pessoal das características de cada um. As pequenas apresentações de cada candidato com ideias e opiniões pessoais que apresentamos na página ao lado, bem como os seus programas, a apresentar esta semana e disponíveis na Internet, podem ajudar a ter–se uma visão mais geral daquele que vai ser o 83º Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra.

Adeodato Valente Pinto

DG não apoia expressamente nenhum candidato

A Direcção–Geral da AAC é uma das principais interessadas na eleição do próximo Reitor. António Silva, em declarações à "Cabra", afirma que apesar de a DG/AAC "ter de votar em alguém", não vai dar "apoio expresso a ninguém", nem dar qualquer indicação expressa de voto aos estudantes da Assembleia da Universidade, salientando que os alunos "conversarão naturalmente sobre as matérias, sobre as diferentes perspectivas para a Universidade" que estejam em confronto.

O presidente da DG deixa claros os critérios essenciais que nortearão a escolha: o relacionamento que os candidatos pretendam ter com a AAC, nomeadamente a compreensão política das posições dos estudantes, a posição quanto à representação dos estudantes nos Órgãos de Gestão da Universidade e o respeito para com a Associação Académica. Uma das matérias que António Silva considera ser um "ponto forte" dentro dos "critérios a ter em linha de conta" é a posição do candidato quanto às propinas. No seguimento do apoio que sempre pautou a actuação de Rui Alarcão em relação às posições da AAC, a DG/AAC entende que o novo Reitor deve ter a sensibilidade necessária para perceber que deve apoiar os estudantes nas suas reivindicações, de forma a que a Universidade seja "um corpo único", que englobe professores, alunos e funcionários.

O presidente da DG espera que o próximo Reitor seja ao mesmo tempo um factor de estabilidade e de dinamização da Universidade, conseguindo assim "projectar e elevar o nome da Universidade de Coimbra", e que continue a possibilitar a intervenção da AAC em vários campos como "o cultural e o desportivo".

CM

Carlos Sá Furtado



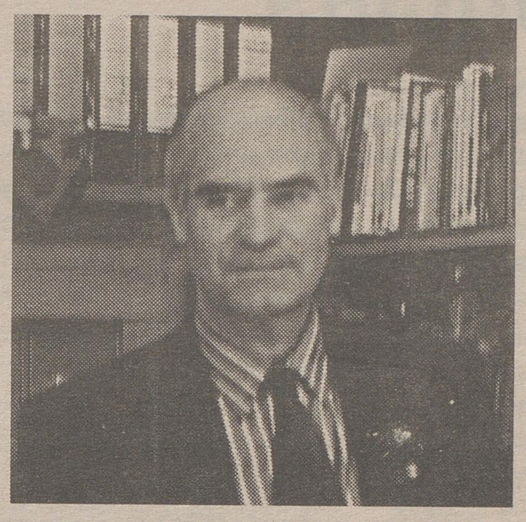
Aos 63 anos de idade, **Carlos Artur Trindade de Sá Furtado** candidata–se a reitor da Universidade de Coimbra (UC). Licenciou–se em Engenharia Electrotécnica no Porto e em Oxford doutorou–se em Física do Estado Sólido. Após uma passagem pela Companhia das Beiras, iniciou a actividade docente no departamento de Engenharia Electrotécnica (DEE). No seu currículo são inúmeros os cargos de presidente, como o de presidente do conselho do DEE e presidente dos conselhos científico e directivo da FCTUC, cargo que tem ocupado nos últimos quatro anos. Também foi pró–reitor da universidade para as instalações e representante do reitor na comissão para o parque científico e tecnológico de Coimbra. Em 1966 foi presidente do clube de cinema de Coimbra, entidade conotada com a luta antifascista; esta "militância" levou-o a deputado à AR pelo já extinto PRD entre 85/87. Actualmente é presidente da assembleia do centro da Ordem dos Engenheiros.

Fiel ao socialismo democrático, propõe resolver o problema da falta de instalações, dando cumprimento urgente ao plano geral da UC, criando pólos fora da cidade e da região; aperfeiçoar a prestação dos serviços administrativos, informatizando–os; e melhorar a visão externa da Universidade, mostrando que há muitos valores dentro da instituição. Mas a sua atenção vai para a qualidade, "temos de ter muito boa qualidade", recorrendo a financiamentos especiais, uma vez que o orçamento é insuficiente.

Sobre a actual lei de financiamento do ensino superior, afirma que "a ASE devia ser melhorada" e devia discutir–se o quantitativo de financiamento que cabe às universidades em cada ano, como se se tratassem de parceiros sociais. Aponta como aspecto positivo o financiamento das universidades com base no aluno. Quanto às propinas, mais uma vez o critério qualidade impera, se não houver um certo investimento ao fim de alguns anos os cursos degradar–se–ão. "A Universidade de Coimbra, sem propinas, sobrevive, resta saber com que qualidade..." A actividade governativa de Marçal Grilo merece–lhe um reparo relativo à alteração da LBSE, por ter retirado às universidades a concessão do grau de licenciatura que possibilitava o ensino ao 3º ciclo; pontos positivos são a integração dos funcionários contratados a recibo verde e o decreto–lei que permite maior aplicação das autonomias administrativas e financeiras.

ACP

Fernando Rebelo



Fernando Manuel da Silva Rebelo, tem 54 anos, dos quais mais de 30 dedicados à UC. De todos os cargos que exerceu, talvez o mais importante tenha sido o de Vice- Reitor durante 10 anos, cargo para o qual foi indigitado pelo actual Reitor, em 1986.

A razão da sua candidatura foi o facto de "sempre ter tido uma grande intervenção em todas as áreas dentro da UC", e de ter um curriculum universitário, no seu conjunto, superior ao dos outros candidatos. Este professor de Letras considera–se um independente, refutando qualquer conotação com o Partido Comunista.

Considera que existem certos casos em que há problemas sérios de instalações, apontando como soluções o aluguer de edifícios ou o recurso a construções pré–fabricadas. Casos como a falta de docentes em algumas faculdades, a falta de espaços de estudo de qualidade e a falta de acesso e de livros em algumas bibliotecas foram outros dos problemas apontados.

Quanto à revisão dos Estatutos da UC, tenciona rever a autonomia administrativa e o processo de eleição do Reitor, no qual tenciona que os alunos passem a ter direito de voto. Na questão da autonomia, não concorda com o actual modelo, pois quer mais autonomia para as Universidades, nomeadamente no aspecto do acesso às Faculdades.

Nas relações com o exterior quer constituír uma assessoria de imprensa da Reitoria, criar um Boletim de Informação interno e colaborar mais activamente com algumas universidades brasileiras e dos PALOP. Quanto à universidade particular a ser criada em Coimbra tem a convicção de que não faz cá falta nenhuma, o que preciso é criar mais vagas e contratar mais professores. Defende um maior apoio às iniciativas culturais levadas a cabo pelos estudantes da UC, em detrimento das grandes e dispendiosas produções.

Sobre a política educativa do Governo, em termos de ensino universitário houve uma melhoria a nível de "numerus clausus" mas, verificou–se uma continuidade na abertura de universidades privadas. Quanto à LFES o Ministério precipitou–se, pois não levou a cabo as alterações necessárias para a aplicar. Em termos de propinas não defende que haja sanções contra os boicotantes e não acredita que o Governo sancione a UC por isso. "Ameaças sempre as tivemos e continuaremos a ter, à força nunca se conseguiu nada dos estudantes".

PB

Lélio Quaresma Lobo



Lélio Quaresma Lobo nasceu no Barreiro há 55 anos. Licenciou-se em Engenharia Químico-Industrial no Instituto Superior Técnico em 1969. No ano seguinte começou a leccionar em Moçambique. Em 1979 tornou-se Doctor of Philosophy pela Universidade de Oxford e regressou a Portugal, a Coimbra. Aqui foram-lhe atribuídos, por equivalência, os graus de doutor em Engenharia Química e Química e começou a dar aulas na FCTUC. Em 1988 chegou a professor catedrático.

Ocupou numerosos cargos na UC e fora dela, destacando-se as presidências do Departamento de Engenharia Química e ,desde 1993, do Conselho Científico da FCTUC.

Na política assume-se como independente, mas não tem pejo em considerar-se como homem de esquerda.

Hoje, é candidato a reitor da UC, sobretudo porque está convencido que pode exercer bem as funções.

Entre os muitos problemas que diz existirem na UC elege como muito importante a imagem que a UC deixa passar para o exterior, a qual tem de ser cuidada. "O mundo que nos rodeia deve ter conhecimento dos bons valores que aqui existem e cabe à reitoria fazer passar essa mensagem, com profissionalismo, através de uma valência de assessoria de imprensa", afirma.

Os estatutos da UC são para rever, desde logo porque existe mais uma Faculdade. Mas a oportunidade devia ser aproveitada para que a investigação fosse devidamente regulamentada e dinamizada.

Propõe-se apoiar soluções para melhorar o edifício da AAC e criar novas estruturas da Academia nos novos Pólos.

Considera que, de uma maneira geral, a política do Governo relativa ao Ensino Superior tem tido orientações correctas. Não obstante, opôs-se publicamente às alterações feitas à Lei de Bases do Sistema Educativo e tem-se manifestado contra a proposta de alteração do estatuto da carreira docente universitária.

"A nova Lei de Financiamento é globalmente um avanço em relação ao sistema anterior e tem muitos aspectos vantajosos para a UC", destacando-se os contratos-programa, a possibilidade de as Universidades serem donas dos seus próprios edifícios e de os saldos de gerência da Universidade no fim do ano deixarem de serem reenviados para o Ministério das Finanças. Em abstracto, concorda com o pagamento de propinas pelos estudantes, mas dada a norma constitucional que preconiza a progressiva gratuitidade do ensino, apoia totalmente a posição de contestação às propinas, no quadro da legalidade democrática, mantida pelo Senado.

"Tenho conhecimento da Universidade,energia, experiência e determinação para levar à prática aquilo a que me proponho. Tenho boas possibilidades de ganhar", conclui.

NB

Luís Reis Torgal



Com 55 anos de vida, 35 de vida académica, **Luís Reis Torgal**, natural de Coimbra e doutorado em História, é nas suas próprias palavras "o candidato da mudança". Detentor de diversos cargos de componente científica, membro ou presidente de diversas comissões de política académica e o "mais antigo elemento do senado" como faz questão de realçar, assume a sua candidatura como independente "como não podia deixar de ser". Apesar de salientar a sua militância no PS até há dez anos atrás rejeita claramente as críticas que o "colam" a candidato deste partido.

A falta de instalações condignas é, para Reis Torgal, "um dos maiores problemas da nossa universidade". Elegendo as faculdades de Farmácia e de Direito como "os casos limites" adianta como possível solução, apesar de salientar que "como reitor não terei as soluções todas na algibeira", "a ocupação da Faculdade de Farmácia pela de Direito, quando a primeira se transferir para o pólo III e a construção de instalações no espaço circundante".

Defendendo uma série de opiniões e atitudes a tomar, sejam elas originais ou compartilhadas pelos outros candidatos, tais como a concordância com o actual modelo de autonomia administrativa desde que "não seja uma forma de descomprometer o estado dos problemas fundamentais da educação" e a defesa, no conselho de reitores, de uma tomada de posição em relação à "clara definição de fronteiras entre o ensino superior público e privado".

Uma das posições que diferencia claramente Reis Torgal dos outros candidatos é o facto de ser "absolutamente contra os numerus clausus". "É inadmíssivel que o acesso ao ensino superior se faça mediante uma lei da oferta e da procura como se verifica". "Deve haver", nas suas palavras, "uma classificação mínima de ingresso na universidade para todos os cursos". "Não há vagas, criem–se, amplie–se a universidade, construam–se mais pólos"...remata.

Tratando de política educativa tece duras criticas à política educativa deste governo apesar de dizer que a Lei de Financiamento do Ensinamento do Ensino Superior, "como lei da AR, e enquanto não for revogada, deve ser regulamentada e, se necessário fazer aplicar sanções ao seu incumprimento". De qualquer modo a política educativa deste governo tem sido, para o candidato, "feita aos saltos, aos soluços e inconsequentemente".

AVP

"Para se ser um bom jornalista é preciso, antes de mais nada, ser–se um bom cidadão"

"Os Jornalistas e as Notícias"

Depois de um Congresso de Jornalistas Portugueses no mínimo polémico e que deixou muitas questões em aberto, vem agora a público um livro de um jornalista sobre jornalismo.

Realizou–se no passado dia 12 de Março, na Casa Municipal da Cultura, o lançamento do livro "Os Jornalistas e as Notícias", do investigador/jornalista Fernando Correia. O livro foi apresentado por Mário Mesquita, professor da licenciatura em Jornalismo da FLUC, como "a primeira obra conjunto que abarca as mudanças do jornalismo ao longo da última década" e um "projecto muito ambicioso". O ex–provedor do "Diário de Notícias" apontou para o facto de Fernando Correia ter exercido a profissão de jornalista durante muitos anos, o que se revela na "clareza de exposição" e no "aprofundamento das grandes questões teóricas do jornalismo".

Fernando Correia, licenciado em Filosofia e mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação pelo Departamento de Sociologia do ISCTE (Instituto Superior de Comunicação e Tecnologias da Educação), exerceu jornalismo durante 30 anos e recorreu ao método da observação directa, ou seja, sem sair do seu posto de trabalho, a fim de reflectir criticamente sobre a profissão. Acumulando as funções de jornalista, investigador e professor universitário, Fernando Correia afirma que o jornalismo é uma profissão muito falada e mediatizada, mas muito pouco conhecida. "As pessoas fazem apreciações ou juízos favoráveis ou desfavoráveis aos jornalistas, mas muitas vezes baseiam–se em estereótipos, em ideias feitas e em preconceitos, sem ter em conta a prática profissional e as situações concretas em que é exercida". Segundo o autor, "os jornalistas são encarados como um grupo homogéneo por parte do público. Tanto podem ser vistos como "heróis, aventureiros, detectives ou Robins dos Bosques, roubando a verdade aos ricos para dar aos pobres" ou, por outro lado, como "gente corrupta, permanentemente conluiada com os diversos poderes".



O objectivo deste livro foi o de "estudar o jornalista enquanto profissional da informação, enquanto produtor de notícias nas condições concretas de Portugal, e deste modo contribuir para uma melhor compreensão da profissão e das novas realidades entretanto surgidas". Lembrando as profundas transformações - qualitativas e quantitativas- ocorridas na Comunicação Social durante a última década, entre as quais a multiplicação de rádios, o aparecimento das televisões privadas e o aumento rápido dos efectivos- existem agora mais mulheres, mais jovens, mais licenciados e mais especialistas a par com mais despedimentos sob o disfarce de reestruturações e mais vínculos precários de trabalho (as situações dos recibos–verdes e dos contratos a prazo)-, Fernando Correia alerta para as implicações dessas transformações a nível social.

O fio condutor da obra, expresso no sub–título, é o problema da autonomia do jornalista, que é afectado por uma série de constrangimentos, entre eles as características do próprio jornalista e das salas de redacções, a natureza das fontes, a linguagem e os códigos prevalecentes, o relacionamento com o público, os critérios jornalísticos dominantes e a situação de empresa de comunicação. No entanto, os factores mais determinantes são a concorrência entre os media, entre os próprios jornalistas e as pressões internas e externas exercidas sobre os profissionais.

Todas estas transformações e constrangimentos, que rodearam a profissão do jornalista nos últimos anos, levaram Fernando Correia a investigar o que fazem os jornalistas, como o fazem e porque o fazem, afirmando ser imprescindível não dissociar esta profissão do conceito de cidadania. "A concepção de um bom jornalista é inseparável da consciência e da intervenção cívica do indivíduo".

Sofia Branco e Susana Ribeiro

Saiba tudo o que os outros jornais não contaram acerca do ENDA

Não ENDA nem DesENDA

Quinze dias antes do Encontro Nacional de Direcções Associativas de Leiria (que se realizará no próximo fim de semana), foi convocado um ENDA extraordinário, em Lisboa. A ideia era concertar estratégias das várias Academias do ensino superior presentes (afinal, as que mais se interessam pela causa!) quanto à luta contra a Lei do Financiamento.

Como já era público, desta reunião saiu a promessa de uma manifestação conjunta para o próximo dia 25, com o propósito de entregar na Assembleia da República uma petição, na qual será solicitado aos vários grupos parlamentares a discussão da não aplicação de forma retroactiva da Lei do Financiamento.

De uma forma geral todos os presentes se mostraram satisfeitos com os índices de boicote nas respectivas instituições de ensino. Na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, por exemplo, o boicote foi de cerca de 70%, e em Coimbra houve mais de 13.000 não–pagantes (número que engloba os boicotantes mas também aqueles que não pagaram porque, por exemplo, esperam ainda que sejam afixadas as listas dos resultados das candidaturas a bolsa de estudo).

Além da manifestação os estudantes realizarão, no final de Abril, uma semana pela educação que procura chamar as atenções para a realidade do Ensino do Superior ao longo do país, com especial incidência em alguns casos considerados mais gritantes, e para a qual serão convidados Jorge Sampaio e Marçal Grilo.

Existirão também algumas actividades locais no dia do estudante, com encerramento de faculdades e sessões de esclarecimento. A Federação Académica do Porto está a fazer circular pelas instituições de ensino superior "O Livro Amarelo", que receberá as reclamações de todos os que quiserem apontar o dedo à política do Ministro. A Associação Académica de Coimbra teve a ideia de vestir de luto as estátuas do pátio das faculdades, despudoradamente mais conhecidas por mamudas, com as frases habituais de protesto.

As Academias manifestaram também insatisfação relativa à Magna Carta para a Educação e aos resultados do inquérito sócio–económico do CNASES. Coimbra pretende mesmo um inquérito localizado que avalie a realidade de vida do estudante médio nesta cidade.

Quanto às formas concretas de luta: em Coimbra serão discutidas em Assembleia Magna, dia 18 (Quarta Feira). As propostas vão desde os planos de percurso durante a manif até a uma possível invasão da Expo, forma de protesto altamente criativa, também já ameaçada pelos agricultores, e outros cultores…

Ao mesmo tempo, também Lisboa estará reunida em A.M., a primeira vez desde há doze anos. Edgar Medina, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, referiu que nunca as faculdades de Lisboa estiveram tão unidas nesta contestação. Lisboa conseguirá reunir, pelo menos, o mesmo número de pessoas que Coimbra (?).

Para amanhã espera–se finalmente, uma reunião do Senado Universitário. Até agora, a Universidade de Coimbra ainda não definiu sanções contra os boicotantes nem o montante exacto da primeira prestação. É de esperar que seja estabelecido outro prazo limite para pagamento.

Batatas para todos

A FENPROF está nesta luta com os estudantes por um ensino de qualidade. Neste momento está a ser ultimado um documento conjunto que pretende criar grupos regionais de discussão e reinvindicação junto do Ministério, avaliando o estado do ensino português.

Já em Abril, também os alunos do Ensino Particular e Cooperativo vão abrir hostilidades contra o Ministério devido à Lei do Financiamento. Criticam o Ministério por não apresentar uma política de Acção Social para o ensino particular e cooperativo, pelo que vão iniciar a "campanha da batata" (leia–se campanha publicitária na qual a personagem principal é uma batata, que pretende simbolizar a falta de cantinas destas instituições). Por agendar está ainda, por parte destes estudantes, uma manifestação original organizada em todo o país: irão comer com marmitas para as portas das cantinas do ensino público para mostrar insuficiência de estruturas de apoio (leia–se cantinas e residências). E lembram que, apesar de as escolas já terem o dinheiro nas suas contas, como as listas de bolseiros do ensino superior particular só são afixadas lá para o final deste mês, há estudantes que têem de recorrer a empréstimos ou apoio de amigos para pagarem as propinas mensais.

Se calhar não estavam à espera de uma artigo deste género. Mas agora a sério: se eu desse ao artigo um nome chato teriam lido o primeiro parágrafo? E o último? (Era só para saber!)

Rosário Salvado

Secção de fado da AAC organiza mês do fado de Coimbra

3 NOVOS GRUPOS NA SECÇÃO DE FADO

Saudades de Coimbra, Schola Cantorum e o Grupo de Cordas da Secção de Fado da AAC são os três novos grupos criados por esta Secção que se vêm juntar aos quatro já existentes: Orquestra Típica e Rancho, Grupo de Fados Alma Mater, Orxestra Pitagórica e Estudantina Universitária de Coimbra.

A Secção de Fado da AAC existe desde 1980, data em que começou por contar com a **Orquestra Típica** e **Rancho,** depois com **Grupos de Fado** (após a época de paragem da praxe académica) e só mais tarde com a **Pitagórica** e a **Estudantina**. Os três grupos formados agora e que já estão a entrar em actividade, servem para complementar a Secção, ficando esta constituída, ao todo, por quase 200 membros.

Saudades de Coimbra é um grupo de fado. Já que a Secção divulga o fado de Coimbra e a cultura académica coimbrã, os grupos de fado são sempre bem–vindos desde que tenham qualidade.

Schola Cantorum é o coro masculino da Secção de Fado. Trata–se de uma ideia da anterior direcção; é agora um sonho concretizado, para o qual o Maestro Virgílio Caseiro - Maestro do Orfeon - veio trabalhar.

O **Grupo de Cordas** conta com a participação do Professor Amadeu Magalhães. Dedica–se à música tradicional de Coimbra, mas também francesa, italiana e, de resto, a um bocadinho de tudo. É constituído por cavaquinhos, baixo, violino e bandola.

A apresentação formal dos novos grupos- que, para ser mais elaborada, foi feita dos três ao mesmo tempo- foi no dia 3 de Março, ao Reitor, num espectáculo muito bem recebido e nesse mesmo dia à noite, no D.Dinis para a comunidade estudantil. Os grupos fizeram questão da apresentação ao Reitor, já que este ano vai embora e também pelo muito que deu à Universidade.

Mês do fado de Coimbra

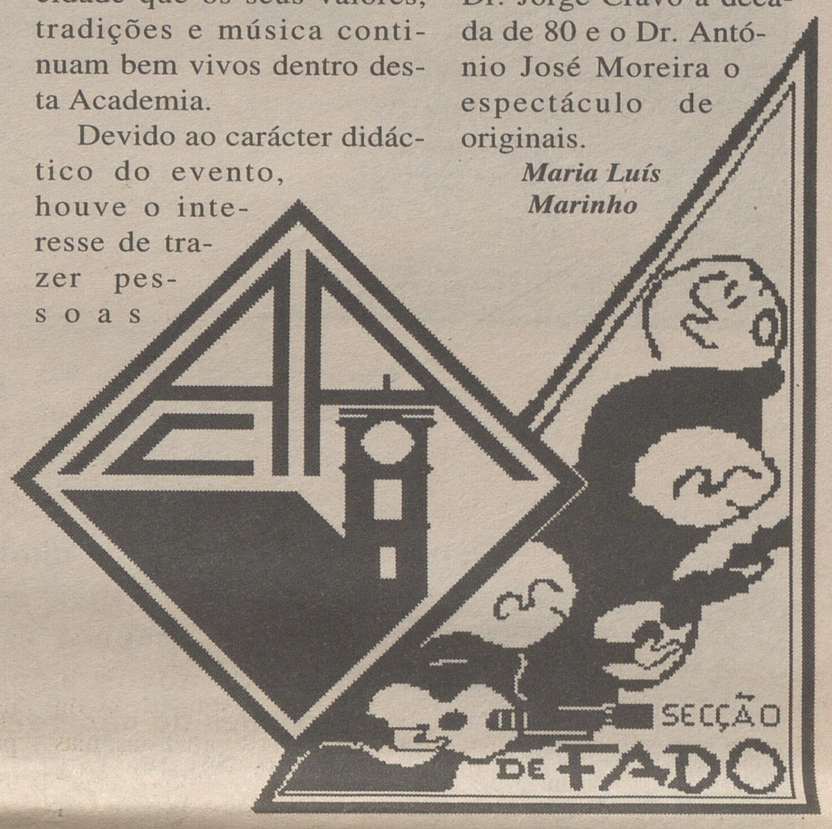
Março é o mês do fado de Coimbra. O evento inédito tem a organização da Secção de Fado da AAC e conta com os apoios da Câmara Municipal de Coimbra, o Hotel Quinta das Lágrimas e o Café Santa Cruz.

Durante este mês, todas as 4ª-feiras no Santa Cruz e todos os Sábados na Quinta das Lágrimas, sempre às 21h45, há espectáculos de vários grupos, não só da Secção de fado da AAC mas também da Tuna Académica da Universidade de Coimbra, Orfeon Académico de Coimbra e outros como Capas Negras, Pardalitos do Mondego, Praxis Nova, Quarteto Académico de Coimbra, Toada Coimbrã, Verdes Anos, Grupos de Fados e Guitarras de Coimbra e Grupo Académico de Fados e Canções de Coimbra.

Pretende–se mostrar o espólio do fado de Coimbra ao longo deste século e dizer à cidade que os seus valores, tradições e música continuam bem vivos dentro desta Academia.

Devido ao carácter didáctico do evento, houve o interesse de trazer pessoas idóneas para a apresentação dos espectáculos: o Dr. Jorge Gomes apresenta a década de 20-30 e o espectáculo de guitarrada, o Dr. José Miguel Baptista a década de 50, o Dr. Luís Góis, o Dr. Manuel Alegre e o Dr. Rui Pato a década de 60-70, o Dr. Jorge Cravo a década de 80 e o Dr. António José Moreira o espectáculo de originais.

Maria Luís Marinho



Secção de Divulgação de Culturas Lusófonas

Lusofonias seccionadas

A Secção de Divulgação de Culturas Lusófonas (SDCL) da AAC já mexe. Depois de um longo processo de formação, a primeira e actual direcção tomou posse em Dezembro último. Agora, o objectivo é dinamizar e alertar a Academia para a variedade de culturas lusófonas. Vontade não falta.

A ideia de criar uma secção de divulgação de culturas lusófonas nasceu há cerca de um ano e meio. Conjugaram–se esforços, ideias e pessoas e o projecto ganhou forma. Ultrapassados os formalismos próprios da sua constituição, a Secção é finalmente reconhecida em Novembro de 1997, tendo a primeira direcção tomado posse em Dezembro último. Próprias de quem se inicia nestas andanças são as dificuldades que vão surgindo: a falta de um espaço próprio e a pouca divulgação das suas iniciativas são, por certo, dois dos principais óbices com que a SDCL se deparou. Quanto ao primeiro, a questão já foi levada a Conselho Cultural e é para breve que se espera uma solução. No que concerne ao segundo, espera–se que a crescente adesão de sócios possa contribuir para a proliferação desta recente Secção.

Em relação ao objectivo fulcral da SDCL, Ananias Katawala, estudante de Direito e presidente da Direcção da Secção, sublinha que acima de tudo "pretende–se divulgar pela Academia a diversidade e amplitude das culturas lusófonas. Da existência não de uma, mas de várias lusofonias".A questão da variedade de lusofonias suscitou, inclusivamente, discussões quanto à denominação da própria Secção: a opção recaia entre Cultura Lusófona ou Culturas Lusófonas, tendo sido escolhida a versão plural. Para que tal divulgação se realize, a Secção conta com a ajuda de cerca de vinte e cinco sócios que pretendem "dar a conhecer a multiculturalidade lusófona através de várias das suas expressões: dança, teatro, cinema, poesia e gastronomia, entre outras". Os apoios esperam–se dos mais variados sítios: da própria AAC a entidades exteriores todos serão benvindos. Confrontado com o porquê da criação de uma Secção desta natureza, Katawala aponta o dedo a uma certa inércia por parte da AAC no que diz respeito a este tipo de iniciativas, uma vez que a dita AAC "não atende da maneira mais conveniente a este tipoo de actividades". Abrir a Academia para as lusofonias parece ser a grande aposta da equipa de Katawala que pretende ser, também, "um ponto de promoção de iniciativas dos diversos núcleos das faculdades e de estudantes" e não uma exclusiva promotora das actividades das minorias. No entender do presidente da SDCL " a questão prende–se em dar atenção ao que não era dado, em termos de iniciativas, nunca descurando, obviamente, qualquer interesse, venha ele de onde vier. O que realmente importa é enquadrar tais projectos no âmbito Académico". Ideias, para já, não faltam: desde a realização de colóquios e saraus até à realização das Jornadas Lusófonas, tendo sempre presente o já referido apoio a várias iniciativas, tudo é conjugado para lançar definitivamente esta Secção no panorama Académico. Katawala espera que "o esforço empregue seja correspondente à reacção das pessoas". Para que a Secção se estabilize e perdure por muito tempo.

Eduardo Brito

Espaço 1998

A crescente criação de Secções no seio da AAC tem levantado um problema no âmbito da atribuição de espaços no edifício. Com efeito, várias são as Secções que não possuem uma sala própria, estando tal carência relacionada com a referida falta de espaços que se denota no edifício da AAC. Várias soluções já foram propostas pelo Conselho Cultural, das quais sobressaem a utilização das salas existentes no edifício fronteiro ao Centro Cultural D. Dinis, bem como a utilização comum de algumas salas no edifício da AAC. Instado a comentar esta situação, o presidente da DG/AAC, António Silva, considerou tratar–se de um problema de "reinvenção de espaço e de implementação de uma filosofia que compatibilize várias Secções com uma só sala", apontando como exemplos a possível comunhão de espaço entre a Secção de Escrita e Leitura e a Secção de Divulgação de Culturas Lusófonas. Relativamente à utilização do edifício fronteiro ao Centro Cultural D.Dinis, António Silva frisou que "tudo depende do aval da pró–reitora Teresa Mendes, pois apesar de se estar a pensar em demolir, a médio prazo, o edifício, a sua utilização poderia ser uma solução imediata para as carências de espaço que existem no edifício da AAC".

EB



Who killed Bettie ?

Sex Symbol do Underground, Bettie Page tornou-se, provavelmente devido ao seu longo desaparecimento, um verdadeiro mito nas últimas décadas. Hoje com 74 anos, Bettie regressa criando uma verdadeira onda de euforia em todos aqueles que, durante anos, veneraram a pin-up mais famosa do mundo. Escrito em Inglês, este comic Italiano é mais uma homenagem póstuma à "diva" que, após 40 anos, ainda continua a alimentar muitas fantasias. Editado pela Lennox e realizado por Baldazzini (arte) / Masiero (argumento), "Who Killed Bettie" é um "one shot" excelente, onde se relatam as investigações realizadas por um detective privado, que procura Bettie - a mulher que revolucionou a América hipócrita e moralista dos anos cinquenta. **NC**



Cercanías

Editada pela La Cupúla, a Brut Comix é uma colecção espanhola de Bd alternativa que, de algum tempo a esta parte, tem lançando novos autores e nomes marcantes do underground mundial como Bagge, Crumb, Clowes ou Burns. Quim Bou é um desses "novos" talentos que alcançou um êxito inesperado com o seu primeiro livro "A Reventar", também da Brut Comix. Mantendo o mesmo universo Skin utilizado no trabalho anterior, "Cercanías" narra a vida de um policia neo-nazi que se torna "dealer". A ideia, de conjugar uma ideologia de extrema direita com o tráfico de droga, vem alterar a própria noção de "poder branco", acabando por traduzir-se numa Bd de grande qualidade.

P.S. De momento Quim Bou, que até aqui contou com os argumentos de Al Garcia,, está a preparar uma minisérie de suspense e terror, a solo, para a mesma editora.

NC



Lucky Luke quinquagenário

"A Ponte Sobre o Mississípi", do Belga Maurice de Bevere (Morris), vem marcar o 50º aniversário do velho cowboy solitário. Apesar do declínio que sofreu ao longo das décadas - principalmente ao nível do argumento que, no início, era realizado por Goscinny e agora está a cargo da dupla Xavier Fauche e Jean Léfurgie -, Lucky Luke continua a ser um dos títulos de Bd mais vendidos no mundo (tendo em Portugal 58 obras editadas pela Meribérica). Desta vez, o cowboy enfrenta os perigos da edificação da ponte sobre o Mississípi, em mais uma adaptação livre e pouco imaginativa da história do velho Oeste. E, como de costume, tudo acaba com o já irritante: "I'm a poor lonesome cow-boy; and a long long way from home...".

NC



Triloka com William Burroughs

Com textos e declamação de William Burroughs, orientação sonora de Bill Laswell (acompanhado por um leque notável de nomes) e selo Triloka Records, tudo parecia perspectivar um registo especial. Ainda assim, estava bem longe de imaginar que "Seven souls" dos Material me deixasse numa posição tão "desagradável"...

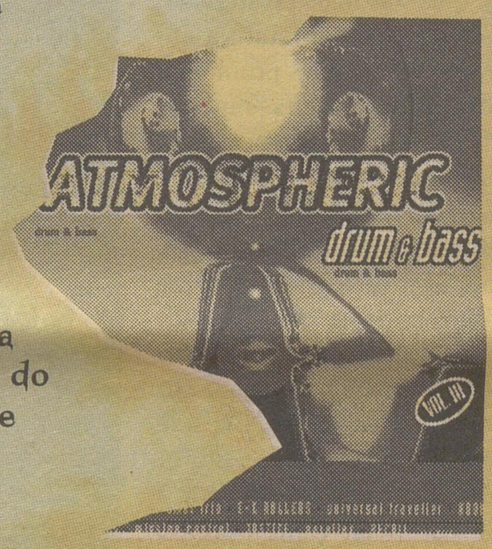
É como se tudo fosse surpreendente. Primeiro, porque Bill Laswell recria a sonorização ideal à intemporalidade e às constantes mutações dos "cup-up's" visionários de Burroughs. Depois, porque nunca é muito fácil falar de um registo imprescindível. É como se tudo o que disséssemos parecesse pequeno demais...

PA



Explorando a evolução do som desde as suas mais elementares origens, "Atmospheric" é o terceiro volume de uma colecção que se quer dedicada ao Drum & Bass. Reunindo nomes como os The Starseeds, Boymerang ou Hydroflow, a compilação torna-se uma verdadeira retrospectiva do passado, do presente e do futuro possível do Drum & Bass "by Millennium Records".

PA



Liam Gallagher

Em recentes declarações à GQ magazine, o "Oasis" Liam Gallagher revelou ter intenções de assentar e mesmo de vir a ter um filho da actriz Patsy Kensit com quem se encontra casado. As declarações, aliás, servem como uma luva a quem no passado mês de Janeiro voltou a ter problemas com a polícia por posse de droga. Na entrevista, Liam afirma estar farto da droga e de estar nos seus planos comprar um cão - "Lobo Alsácia" - que se irá chamar "Hendrix", em memória do guitarrista Jimmy Hendrix. Quanto à futura filha, ou filho, não adiantou nomes, mas "Cocaine" é uma hipótese que continua a ganhar adeptos, já que a tradição é uma

PA





Who killed Bettie ?

Sex Symbol do Underground, Bettie Page tornou-se, provavelmente devido ao seu longo desaparecimento, um verdadeiro mito nas últimas décadas. Hoje com 74 anos, Bettie regressa criando uma verdadeira onda de euforia em todos aqueles que, durante anos, veneraram a pin-up mais famosa do mundo. Escrito em Inglês, este comic Italiano é mais uma homenagem póstuma à "diva" que, após 40 anos, ainda continua a alimentar muitas fantasias. Editado pela Lennox e realizado por Baldazzini (arte) / Masiero (argumento), "Who Killed Bettie" é um "one shot" excelente, onde se relatam as investigações realizadas por um detective privado, que procura Bettie - a mulher que revolucionou a América hipócrita e moralista dos anos cinquenta. *NC*



Triloka com William Burroughs

Com textos e declamação de William Burroughs, orientação sonora de Bill Laswell (acompanhado por um leque notável de nomes) e selo Triloka Records, tudo parecia perspectivar um registo especial. Ainda assim, estava bem longe de imaginar que "Seven souls" dos Material me deixasse numa posição tão "desagradável"...

É como se tudo fosse surpreendente. Primeiro, porque Bill Laswell recria a sonorização ideal à intemporalidade e às constantes mutações dos "cup-up's" visionários de Burroughs. Depois, porque nunca é muito fácil falar de um registo imprescindível. É como se tudo o que disséssemos parecesse pequeno demais... *PA*



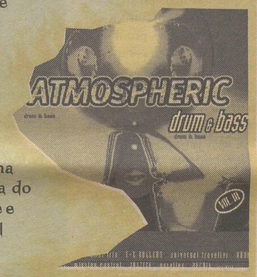
Cercanías



Editada pela La Cupúla, a Brut Comix é uma colecção espanhola de Bd alternativa que, de algum tempo a esta parte, tem lançando novos autores e nomes marcantes do underground mundial como Bagge, Crumb, Clowes ou Burns. Quim Bou é um desses "novos" talentos que alcançou um êxito inesperado com o seu primeiro livro "A Reventar", também da Brut Comix. Mantendo o mesmo universo Skin utilizado no trabalho anterior, "Cercanías" narra a vida de um policia neo-nazi que se torna "dealer". A ideia, de conjugar uma ideologia de extrema direita com o tráfico de droga, vem alterar a própria noção de "poder branco", acabando por traduzir-se numa Bd de grande qualidade.

P.S. De momento Quim Bou, que até aqui contou com os argumentos de Al Garcia, está a preparar uma minisérie de suspense e terror, a solo, para a mesma editora. *NC*

Explorando a evolução do som desde as suas mais elementares origens, "Atmospheric" é o terceiro volume de uma colecção que se quer dedicada ao Drum & Bass. Reunindo nomes como os The Starseeds, Boymerang ou Hydroflow, a compilação torna-se uma verdadeira retrospectiva do passado, do presente e do futuro possível do Drum & Bass "by Millennium Records". *PA*



Lucky Luke quinquagenário



"A Ponte Sobre o Mississípi", do Belga Maurice de Bevere (Morris), vem marcar o 50º aniversário do velho cowboy solitário. Apesar do declínio que sofreu ao longo das décadas - principalmente ao nível do argumento que, no início, era realizado por Goscinny e agora está a cargo da dupla Xavier Fauche e Jean Léfurgie -, Lucky Luke continua a ser um dos títulos de Bd mais vendidos no mundo (tendo em Portugal 58 obras editadas pela Meribérica). Desta vez, o cowboy enfrenta os perigos da edificação da ponte sobre o Mississípi, em mais uma adaptação livre e pouco imaginativa da história do velho Oeste. E, como de costume, tudo acaba com o já irritante: "I'm a poor lonesome cow-boy; and a long long way from home...". *NC*

Liam Gallagher

Em recentes declarações à GQ magazine, o "Oasis" Liam Gallagher revelou ter intenções de assentar e mesmo de vir a ter um filho da actriz Patsy Kensit com quem se encontra casado. As declarações, aliás, servem como uma luva a quem no passado mês de Janeiro voltou a ter problemas com a polícia por posse de droga. Na entrevista, Liam afirma estar farto da droga e de estar nos seus planos comprar um cão - "Lobo Alsácia" - que se irá chamar "Hendrix", em memória do guitarrista Jimmy Hendrix. Quanto à futura filha, ou filho, não adiantou nomes, mas "Cocaine" é uma hipótese que continua a ganhar adeptos, já que a fradição é uma *PA*



Biblioteca Geral

Preparada para o Futuro?

Com a sua fachada alta, fria, com as estátuas como que guardiãs, a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra vai perdurando com a sua imagem grave, de profunda seriedade e importância no seio da nossa Universidade. Ao depararmo–nos com a sua imponente postura e com a longa história por detrás desta instituição, será legítimo perguntarmos para que serve, a quem serve e por que meios serve.

Foi D. João III que em 1541 trouxe a livraria da Universidade de Lisboa para Coimbra, afim de dar o apoio bibliográfico que os "estudos" requeriam, quando se transferiram da capital para aquela que se tornou na cidade universitária mais importante do país e uma das mais prestigiadas da Europa. Esta iniciativa encontrava–se na linha promotora do Movimento Renascentista que D. João III tentava desenvolver em Portugal, muito à imagem do Humanismo europeu da Itália e da França. Em 1716, a Biblioteca da Universidade de Coimbra muda–se para o Pátio da Universidade, para o edifício que hoje conhecemos como Biblioteca Joanina , que tinha sido concebida com vista a impor uma imagem de grandiosidade à escala europeia. Com efeito, a Biblioteca Joanina era considerada já naquela altura uma das mais belas da Europa, com os seus interiores caprichosamente decorados.

A Biblioteca da Universidade funcionou ali até 1956, altura em que já não atendia às necessidades de uma Academia cada vez maior, e transferiu–se para o edifício da antiga Faculdade de Letras , onde está presentemente . O interior foi arranjado numa arquitectura muito sóbria, fria até, com uma rigorosa simetria , todos estes factores como que enaltecendo o prestígio ligado à Universidade. Assim, procedeu–se à renovação de que a Biblioteca tanto necessitava, acompanhando–se a ampliação dos serviços de uma modernização funcional.

Essa modernização não teve a projecção temporal que se desejaria. O novo nervo motor dos serviços orgânicos, implantado em 1956 com uma rede complementar de telefones internos, um dispositivo de monta cargas e um sistema de tubos pneumáticos para fazer chegar a requisição da sala de catálogos aos depósitos, impressionou muita gente na altura, mas já então não era grande novidade pelas bibliotecas europeias . Neste momento, a Biblioteca Geral (BG) ainda se faz valer desse equipamento.

Ao entrar na BG, para além do bengaleiro, pode ver–se a ampla galeria por onde largos degraus conduzem à Sala do Catálogo. Esta tem as suas janelas dirigidas para a actual Faculdade de Letras e no lado oposto comunica com a Sala de Leitura. Ao longo de toda a verticalidade do edifício há dez pisos só de estantes com livros, existindo ainda uma sala de reuniões, a sala de encadernação, a secretaria, o gabinete do director, um estúdio de microfilmagem, entre outras pequenas divisões. Por cima da Sala de Leitura há um varandim que abriga doze mesas destinadas a professores que estejam a fazer tese de doutoramento: as "boxes". São doze compartimentos abertos com pilhas de livros delimitando o espaço de cada um daqueles privilegiados que, mesmo assim, por falta de espaço, têm de dividir as "boxes" de forma a poder albergar mais um ou outro professor.



Na BG trabalham 77 pessoas: os funcionários da Sala do Catálogo, da Sala de Leitura, do bengaleiro e senhoras da limpeza; os técnicos, cuja função passa pela catalogação dos livros e todo o seu tratamento desde que chegam no correio até estarem arrumados nas estantes; os bibliotecários que fazem a indexação do livro, corrigem a catalogação, fazem a gestão do pessoal e o regulamento de funcionamento, para além de darem apoio quando solicitado pelo leitor. Há ainda um engenheiro infomático, que faz a coordenação da informatização e cursos de formação às outras bibliotecas da Universidade, já que a rede de catalogação informática da BG engloba as bibliotecas, institutos e departamentos das Faculdades de Ciências, Letras, Psicologia e Economia. Ou seja, o livro de que podemos estar à procura nos computadores da Sala do Catálogo da BG pode não estar na BG, mas na própria Faculdade a que o tema do livro diz respeito. Pode acontecer ainda que o livro que procuramos tenha sido levado por algum professor, retido nas "boxes" ou em regime de empréstimo domiciliário. Este regime serve quase exclusivamente os professores, e só em casos especiais é que os alunos podem levar livros para casa no fim–de–semana, enquanto os professores podem tê–los durante um mês ou mais.

A BG possui mais de um milhão de livros, e o número tende sempre a aumentar. Por mês chegam em média 1600 lançamentos nacionais ao abrigo da lei do Depósito Legal, que obriga as editoras portuguesas a "oferecer" exemplares às bibliotecas, o que faz com que a BG detenha toda a bibliografia nacional desde o segundo quartel do nosso século, quando saiu a lei. Para além da produção nacional, a BG compra obras de referência (como enciclopédias ou dicionários), tudo o que diga respeito à cultura portuguesa editado no estrangeiro, livros que cubram áreas que não sejam abordadas pelos cursos das Faculdades, documentos sobre universidades e livros que digam respeito à parte técnica da biblioteconomia. Os livros para o estudo propriamente dito deixaram de ser comprados, já que desde a criação do catálogo informático em conjunto com as Faculdades (que irá numa fase posterior englobar também as Faculdades de Medicina, Farmácia e Direito) a função da BG passou a ser de complementar a bibliografia existente nas Faculdades e não igualá–la.

Os cerca de 49000 leitores anuais da BG requisitam uma média de 70000 obras por ano, sendo a maior parte jornais e livros de consulta indicados pelos professores aos alunos. No entanto, para aqueles que quiserem usufruir do espaço para estudar, há a possibilidade de requererem as enciclopédias e dicionários que se encontram na Sala de Leitura em consulta livre. Segundo estatísticas da BG, são só 15% dos leitores que fazem isso, mas o facto é que na altura das frequências, faz–se fila para se poder ter acesso a uma das duzentas secretárias individuais.

Nessas alturas, o congestionamento é grande. Todos precisam de consultar as obras, todos precisam de estudar. Quem prepara um exame na BG procura concentrar–se em toda a amplidão da altíssima Sala de Leitura. O arrastar das cadeiras, o passar das pessoas, os olhares perdidos, são sempre inoportunos, mas constantes. Quase que se pode sentir a densidade de todas essas tensões acumuladas.

Nesses momentos de desconcentração, um dos elementos que poderá reter a nossa atenção é o painel de baixo relevo em faiança policromada da autoria do ceramista Jorge Barradas. Nada melhor que analisarmos directamente a memória descritiva escrita pelo próprio autor, em 1962:

"Domina o painel ao centro a figura Simbólica de Coimbra com as vestes doutorais, tendo na destra o diploma que confere o grau de Doutor. Ladeiam–na duas figuras aladas (...). Na base dois meninos decorativos sustentam o selo da fundação da Universidade (...). Ao alto, à esquerda do painel a Poesia (...). Ao canto o Poeta (...). Ao lado do Poeta a Saudade (...). À direita da figura central, 3 figuras, representam respectivamente Minerva, Apolo, e Platão. (...) Na base do painel à esquerda, duas figuras indicam o Amor de Pedro e Inez feliz e trágico. À direita Santa Isabel, Rainha de Portugal e da Bondade."

Para quem não conhece o painel, importa dizer que a figura do Doutor tem um papel preponderante em toda aquela composição. A sua posição mais alta que as outras figuras e inclinada sobre os leitores torna-a imponente em toda uma postura de domínio, acomodado no prestígio da sua poltrona. Este entre outros dos factores mencionados neste artigo podem levar–nos a uma indagação sobre os serviços da nossa Universidade. Parece que em tudo se privilegia os professores. São eles os doutos e idóneos senhores que funcionam como embaixadores do renome da Universidade de Coimbra.

Os estudantes, por outro lado, adquiriram uma imagem na opinião pública que não é das melhores. Os professores acusam os alunos de só pensarem em borga, copos, boa vida... Os estudantes apontam inúmeras falhas na política educativa das universidades, tais como a falta de espaço nas salas, professores pouco abertos, funcionários pouco esclarecidos... Uma coisa é certa: quanto mais distantes e inflexíveis ficarem as duas partes, mais difícil será aproximá–las num consenso que permita o real melhoramento das condições de aprendizagem.

A BG é um bom exemplo de uma tentativa de melhoramento dos meios técnicos, mas está longe de estar preparada de forma a poder disponibilizar a informação útil necessária aos estudantes. São cerca de 200 lugares para 20000 estudantes, o que nos faz cair numa reflexão sobre o método de preparação dos cursos e sobre as prioridades da nossa Universidade. Será o de fornecer a aprendizagem necessária a um profissional graduado, ou a de fazer perpetuar uma herança elitista de intelecualismo exacerbado em benefício de engrandecimento da boa fama da nossa Universidade?

David Pereira Bastos

Encontros com Psicologia e com Ciências da Educação

Março, Mês da Arte

Um mês inteiro dedicado á arte contemplada nas suas diversas expressões, é o projecto que o NEPCE está a concretizar. Formar, experimentar e assistir são os objectivos da iniciativa.Ir à FPCE durante o mês de março, e descobrir uma forma diferente de estar e dialogar na Universidade.



"A arte cura e educa".O mês da arte a decorrer na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, por iniciativa do seu núcleo de estudantes, surge no culminar de um ano de mandato.

Encontrando uma nova forma de estar que passa não só por adquirir conhecimentos teórico–praticos, mas também por sentir prazer em estar na faculdade, a actual direcção do NEPCE elaborou um plano de actividades do qual constam um dedicado às artes, evento que agora se concretiza.

São várias as formas de terapia pela arte que se ligam necessáriamente à psicologia, como por exemplo, a musicoterapia e a dançoterapia. Maria Simões, Presidente do NEPCE, refere que "a arte deve fazer parte do sistema educativo e de todas as formas de educação; a pedagogia pode mudar muito dedicando–se à arte como instrumento pedagógico".

A ideia não é nova. À dois anos ocorreu na mesma faculdade uma semana da arte. Desta vez entendeu–se que havia espaço e tempo suficiente para um projecto mais ambicioso.

Assim desde as arte plásticas, à pintura, escultura, olaria, tecelagem, até ao teatro e a fotografia, passando pela musica e dança, são várias as formas de arte contempladas por esta iniciativa.

Neste mês pretende–se formar, experimentar e assistir.

Na área da formação projectou–se a organização de workshops e palestras relacionadas com o psicodrama, a musicoterapia, a dançoterapia, a expressão dramática na educação, e a educação pela arte.

Para experimentar instalaram–se na faculdade ateliers dedicados ás diferentes formas de expressão artística nos quais a entrada gratuita e a participação livre. Desde os ateliers de pintura e escultura, à oficina de teatro e fotografia, passando pelo artesanato, os participantes encontram os materiais necessários, restando–lhes usar a imaginção para criar , representar e quem sabe, descobrir talentos.

Ainda alusivas às várias manifestações artísticas encontram–se em exposição permanente várias obras, além de uma mostra de rochas ornamentais realizada em colaboração com o núcleo de Geo–Ciências.

No que diz respeito à apresentação de espectáculos procura–se envolver mais as pessoas daquela faculdade em projectos comuns, mas também chamar a restante comunidade univertária a presenciar espectáculos num espaço agradável como os claustros da FPCE. Os nomes previstos são sugestivos enquadrando–se cada um deles em diferentes estilos de musica

Está previsto um diálogo de baterias de Tim Tim por Tim Tum, um grupo composto por quatro bateristas portugueses, José Salgueiro, Acácio Salero, Alexandre Frasão e Marcos Franco, que apresenta um espectáculo ainda pouco rodado em Portugal. Não menos aliciante será o espectáculo de Jorge Palma, nome que dispensa apresentação, no TAGV(no dia 22, e não no dia 21, como estava anunciado). Para encerrar o ciclo musical poderá assistir à actuação dos Gaiteiros de Lisboa um grupo de musica tradicional portuguesa, mas bastante inovador, nos claustros da faculdade.

Não deixando de parte a criação literária, o NEPCE convidou o CITAC à apresentar a sua sessão de poesia "o Círculo da Lua em Noites de Poesia, nos claustros, um local aprazivel, na noite do dia 13.

Aberto ao público em geral, o programa está a ser divulgado o mais amplamente possivel. As dificuldades de concretização foram várias, não só porque envolve um número restrito de pessoas, mas também porque se trata de um núcleo de estudantes que não pode candidatar–se a meios financeiros próprios.

A resposta do público, Maria Simões considera-a "francamente positiva", referindo o projecto está a ter bastante adesão não só por parte dos estudantes, como da população em geral.

É pois um programa aliciante para as tardes e noites do mês da Primavera para quem quer conhecer, experimentar e contemplar a arte.

Patricia

Jornal Falado da Actualidade Literária

Poetas em Coimbra

O P.E.N. Clube Português trouxe finalmente a Coimbra o Jornal Falado da Actualidade Literária. Depois de Lisboa e Porto, foi a vez do Pátio da Inquisição acolher esta iniciativa, em que um grupo de poetas com títulos recentemente publicados apresenta o que de melhor foi editado no ano de 1997.

Casimiro de Brito, presidente do P.E.N. Clube Português, saudou o panorama literário nacional, dizendo mesmo que a poesia é, juntamente com o vinho, o que de melhor se faz em Portugal. E o facto é que '97 foi um " ano de boa colheita", em que a poesia andou solta pelas ruas, estampada nos autocarros, distribuída em sacos de pão, redescoberta pelas editoras e rejuvenescida por autores novos e promissores– tudo em nome de uma presença firme da poesia no quotidiano, porque "o compromisso da poesia é com a vida".

Alternando a declamação de poetas ausentes, vivos ou não, pelos actores d'A Escola da Noite, com a leitura de poemas dos autores presentes pelos próprios, o público que encheu a sala teve assim a oportunidade de ouvir, entre outros, Eugénio de Andrade, Al Berto, Rui Knopfli e Sophia de Mello Breyner Andresen. Para além dos poemas escolhidos, muitos livros foram apenas citados, num assumido convite à descoberta individual.

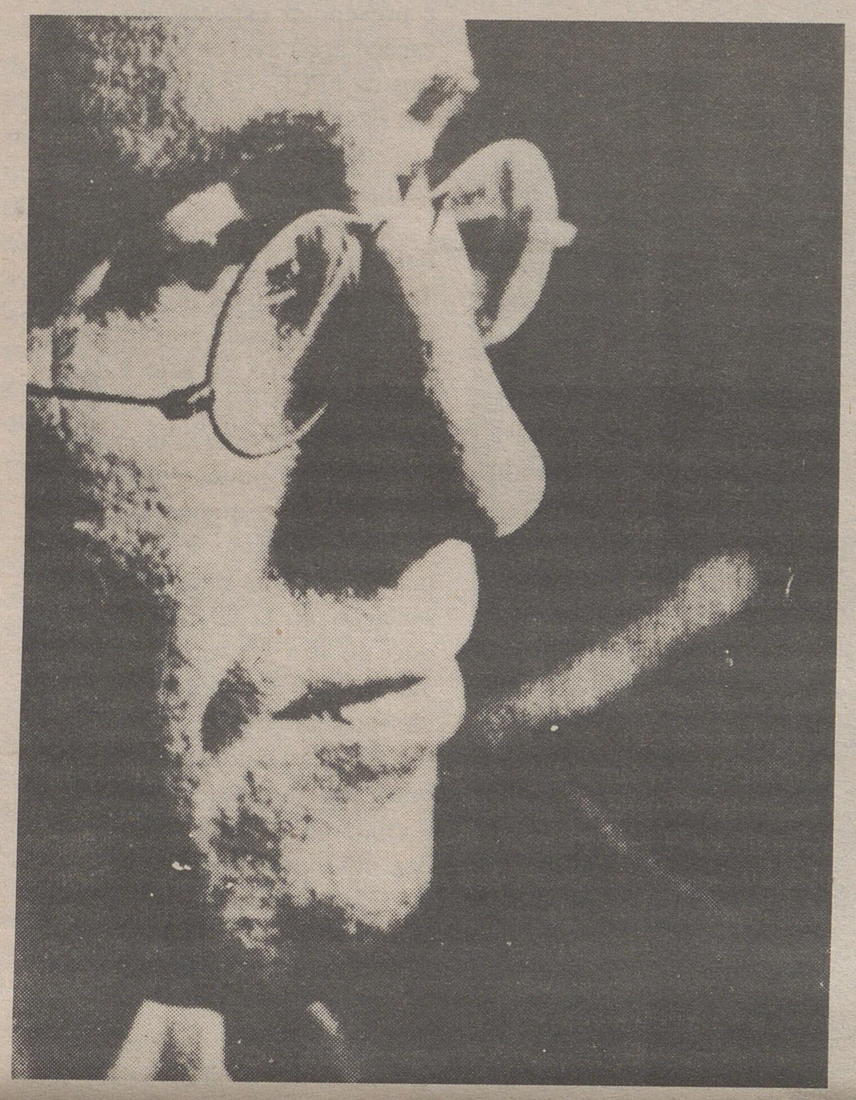
Terminado o recital, foi aberto o debate, em que Casimiro de Brito, Fernando Martinho, Isabel Pires, Paulo Miranda, Fernanda Pinto do Amaral, Paulo Teixeira e Rosa Alice Branco, se disponibilizaram a responder às questões suscitadas pelo tema.

E se , nas palavras do presidente desta organização, "a essência da poesia é a não repetição", eventos desta natureza são, indiscutívelmente, para repetir.

A.G.

Fernanda Alves e João Grosso celebraram centenário de Bertolt Brecht

"Do Pobre B.B." no TAGV



Quarta-feira, 11 de Março, Fernanda Alves e João Grosso leram e representaram poemas de Bertolt Brecht no espaço de café-teatro do Teatro Académico de Gil Vicente. Tratou-se de mais uma iniciativa integrada nas comemorações do centenário de Bertolt Brecht a decorrer no TAGV até Outubro. Trinta e um poemas de uma das figurantes mais importantes teatrais deste século ditos e representados por dois dos mais prolíficos actores portugueses.

"Eu, Bertolt Brecht, venho das negras florestas/ Minha mãe, trouxe-me para a cidade quando eu ainda andava/ No seu ventre. O ventre das florestas/ permanecerá em mim até que na morte eu entre", iniciava assim o recital "Do Pobre B.B" pela voz de João Grosso, num cenário em que se misturavam tabaco, jornais e aguardente e...muita aguardente.

Os poemas foram ditos com pequenos recortes de humor, em jeito de ironias e com alguns toques de glamour à mistura, utilizando os actores o espaço do café-teatro de forma criativa e onde o balcão, as cadeiras e modificação dos lugares era uma constante. A provocação e o efeito de distanciação brechtiana incorporada pelos dois actores seria importante para a relação que estes manteriam com o público até ao final. Os melhores momentos viriam com as leituras e jogo cénico em textos como "Sente-se", "Lista de Preferências de Orge", "Louvor de Aprender" ou a dança improvisada com o público em "Epitáfio para M./ Dispenso para Pedra Tumular".

Fernanda Alves "vestida" de cliente tardia de cabaret desempenhava o excesso e o lado mais expressivo dos textos enquanto João Grosso trajado de barman delicado explorava o ritmo e a invenção das situações poéticas. João Grosso melhor que Fernanda Alves manteve sempre alta a fasquia segurando algumas fragilidades da sua companheira.

O público rendido à sequencialidade e brilantismo da representação escutou atentamente os textos de Brecht culminando com aplausos perante a dupla leitura em simultâneo de "Aos que Virão a Nascer". Neste poema, Brecht retoma a sua visão do mundo e o lado autobiográfico anteriomente inscrito no texto "Do Pobre B.B": "Eu, Bertolt Brecht, que das florestas fui jogado / A cidade de cimento há tempos no ventre da minha mãe". Ouviu-se também música com gravações de Brecht a cantar, mas eram as palavras que dele se ouviam a ecoar pelo café-teatro.

E foram as palavras, muito mais que os calorosos aplausos finais, que encheram aquele espaço nocturno e que por instantes esqueceram a não menos brilhante leitura de textos e cartas de Brecht efectuada por Jõao Lourenço há poucas semanas naquele lugar.

Fernando Nunes

12

"Oceanos Invísiveis", a nova produção do CITAC

Em tempo de Expo: "Há mar e mar"

"Oceanos Invisíveis" foi o título escolhido para a mais recente produção do grupo de teatro universitário de Coimbra - o C.I.T.A.C.. A peça, que estreou durante o mês de Março, serviu para mostrar, mais uma vez, a clara tendência deste grupo no sentido de um teatro de características experimentais. O espectáculo idealizado por Nuno Coelho e José Geraldes na tentativa de, partindo do livro "As cidades invisíveis" de Italo Calvino, fazer o público encontrar no seu próprio imaginário relações que lhes permitissem descodificar as ideias ali representadas.

Por exactamente 1000$00, ou apenas metade para estudantes, o público era convidado a entrar em fila indiana, caminhando sobre o próprio espaço de representação, ora evitando pisar um primeiro recipiente de água, ora evitando desfazer pequenos grupos de berlindes que juntos faziam por representar poças de água. A necessidade de um espaço de representação elevado e completamente vazio, destinado ao trabalho de apenas um actor, fez desaparecer da pequena sala do C.I.T.A.C. a esperada bancada, estando em seu lugar um grande bloco de madeira oco, pintado de preto, escondendo as colunas de som. O público, por toda esta configuração cénica, pretende–se integrado no próprio espectáculo. No entanto, e espontanêamente, toma–se a decissão conjunta de todos ficarem sentados no chão de areia grossa, servindo o bloco de madeira de encosto. O actor que sobre ele representava ficou, desde logo, condenado a trabalhar nas costas da audiência...

Com o público já instalado e atentamente observando cada um dos componentes da cenografia (onde se podiam encontrar desde chapéu de chuva, cordas de forca ou simples argolas suspensas no tecto onde quatro actores repetiam mais ou menos os mesmos movimentos desde o princípio até ao fim da peça), dá–se início ao espectáculo. Este grupo de actores, com eficaz guarda–roupa, bem como mimicamente caracterizado, teve até direito a uma longa coreografia sobre argolas, suportada pela música original para a peça de Sérgio e Paulo Furtado que, pertendendo ser um momento visualmente mais forte, pecou por se ter tornado longo e cansativo. Estas personagens movimentavam–se num nível mais baixo do que o outro espaço de representação, onde uma personagem de charuto na boca, garrafa na mão, muita alegria e real superioridade sobre todas as outras, fez de tudo, até um número musical bem executado.

Apesar do texto ser um pouco



ambíguo, sem ligação e a necessitar de maior concretização, dava para compreeder a existência de três mundos diferentes, hierarquizados, e com uma complexa linha de interactividade feita de ilusões, modelos comportamentais, de romance ou até mesmo de espionagem pela parte de membros de uma cidade que, tomando o público por parte integrante, da cidade imediatamente abaixo da sua, tenta descobrir o que cada um traz consigo, chegando mesmo a segredar algumas palavras junto dos espectadores. O público reage pouco, mantendo a mesma atenção de sempre, mas revelando pouco entusiasmo. É, portanto, no mesmo nível do público que se encontra o terceiro espaço de representação. Este espaço tem também personagens especificamente caracterizadas (de novo bem o guarda–roupa!) e apresenta–se abaixo, quer da única personagem elevada, quer das quatro que se elevam nas argolas.

O espectáculo foi desde logo pensado para espaços pouco exigentes, vivendo mais da cenografia ou do guarda roupa como forma de se constituir numa unidade visual que prenda o espectador e o faça viver a peça. Os actores tem um desempenho regular, apesar do texto ser demasiado complicado, sabem simplificá–lo por demais, dando indiferenciadamente a mesma monocórdica entoação a todas as frases. Marcações vitais para a compreensão que o público possa ter do espectáculo deixaram muita gente intrigada com o seu significado final. Ainda assim, e depois de ter estado em cena de 6 a 13 de Março, "Oceanos Invisíveis" regressou ao palco de 17 a 22 do mesmo mês. Esperamos agora que quem não viu possa vir a ver, talvez noutro espaço, ou noutra cidade. Até porque há mar e mar e sempre há quem queira voltar...

Sérgio Cruzeiro

Programação de Março do TAGV

Quinze dias de cultura

Com "A Cabra" a sair quando o mês de Março já vai a meio, as referências à programação do TAGV incidem sobretudo no que se prepara para as duas próximas semanas. Todavia, um elementar sentido de contextualização obriga a uma breve retrospectiva sobre o que já por lá passou. Assim, e logo no dia 1, foi levada à cena a peça "Jasão e Medeia", com textos retirados da obra de Eurípedes, e passagem por outros autores consagrados e dispersos na cronologia do mundo, de Ovídio a Salazar , um projecto da Companhia Absurda. A animar o princípio do mês esteve também a sátira criada pel'O Teatrão, "Hotel Luso", uma viagem crítica e descomplexada pelo real e pelo imaginário português, à luz da (in)compreensão de duas personagens americanas recém–chegadas ao nosso país. Seguiu–se, com apenas um dia de exibição, "As Pestanas da Greta Garbo", musical no estilo de one–man–show criado e protagonizado por Filipe Ferrer, cujo rosto "pestanudo" não passou certamente despercebido, tanta foi a publicidade.

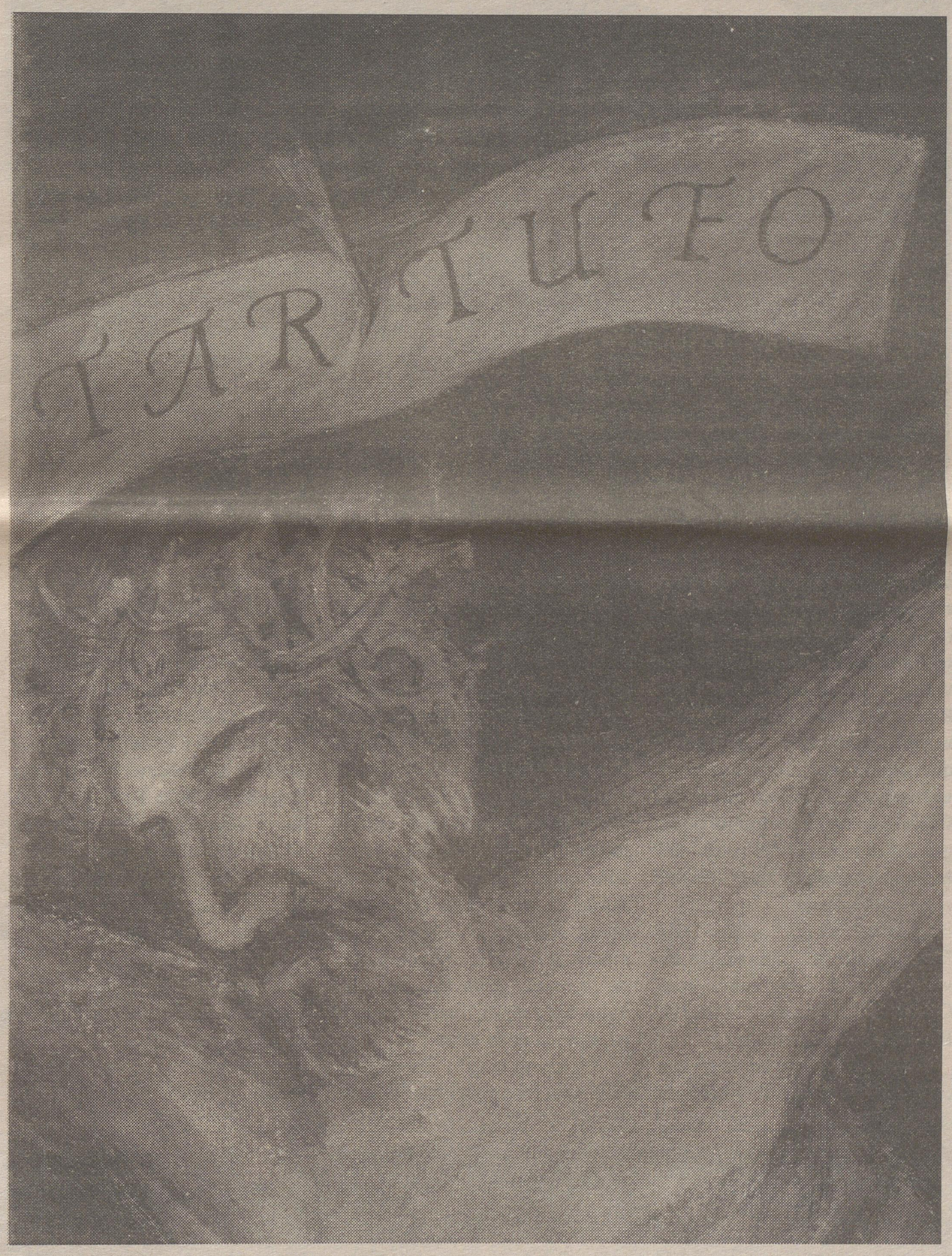
No ano em que se comemora o centenário do seu nascimento, Bertolt Brecht voltou a ser lembrado, no dia 11, com a leitura de "Do Pobre B.B.", por Fernanda Alves e João Grosso.

Durante dois dias, a Companhia de Teatro de Braga trouxe a Coimbra um clássico da comédia, recuperado de um texto de Moliére, reinventado nos significados e na sua leitura histórica, acentuando–se o peso das relações humanas em deterimento do manifesto político/cultural de que tempestivamente foi bandeira- "O Tartufo ou o Impostor".

Depois de Brecht, João Grosso volta ao palco para encarnar "Torga", num curto regresso da poesia de Miguel Torga, recolhida sobretudo do seu livro "Poemas Ibéricos", oferecendo ao espectador uma récita, mais do que viva, vivida. Lamentavelmente, para quem perdeu todos estes espectáculos, já esgotaram o seu tempo de exibição.

Mas as oportunidades de assistir a bons momentos culturais renovam–se nas duas últimas semanas de Março: dia 18 a Companhia de Teatro de Almada apresenta "O Carteiro de Neruda", aproveitando a ainda recente vaga de euforia que acolheu, sucessivamente, o filme e o livro que lhe serviu de argumento, da autoria de Skármeta. Agora é a vez do teatro contar, com a sua linguagem própria e inigualável, a história, ficcionada, dos últimos meses de Pablo Neruda. O poeta, Prémio Nobel da Literatura em 1971, foi candidato à presidência da República do Chile pelo Partido Comunista, tendo posteriormente abdicado em favor de Salvador Allende, que viria efectivamente a vencer as eleições. Um ano depois o assassinato do Presidente, na sequência do golpe militar de Pinochet, desferiu o ataque fatídico no poeta, que acabaria por falecer. Ironia histórica, este recrudescimento da obra de Neruda coincide com a polémica elevação de Pinochet a Senador vitalício, um duríssimo teste à suposta bondade democrática do sistema. Mas Pablo Neruda foi, mais do que um poeta político, um poeta do amor nas suas representações mais simples e sublimes. E, não descurando o enquadramento histórico real, é nessa outra faceta, romântica, de humilde carinho pelo povo que o acolhe, que se baseia este conto, impregnado dos belos versos e metáforas de Neruda, no paradisíaco cenário da Ilha Negra, o seu último refúgio.

E porque a arte recria sem repetir, dia 19 e 20 o TAGV repõe o filme, de Michael Radford, no grande ecrã.



Obrigatório é também o recital da poesia de Cidália Fachada, por Mafalda Costa. Os poemas, extraídos de "O Fogo nas Laranjeiras", são momentos únicos de uma intimidade revelada no confronto com o real e o concreto de um quotidiano cujos significados redescobrimos ou reinventamos. A não perder, pois é só no dia 20.

Uma outra chamada de atenção especial vai para o espectáculo musical de Jorge Palma. Mais do que um músico "vagabundo", Jorge Palma tem sido um acérrimo crítico, um olhar tão penetrante quanto acutilante sobre a sociedade pequena e óbvia que temos. São mais de 20 anos a servir a música portuguesa, num trajecto firme e consagrado por 10 edições discográficas.

Os acontecimentos culturais regressam no dia 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, um motivo acrescido para assistir a " O Beijo no Asfalto", pelas mãos da Cena Lusófona, peça que resulta da segunda etapa do Atelier de Representação, integrado por actores de Angola, Brasil, Cabo–Verde, Guiné–Bissau, Moçambique, Timor, S.Tomé e Princípe e Portugal. Este trabalho confronta os participantes com um dos mais polémicos textos dramáticos teatrais de língua portuguesa, da autoria de Nelson Rodrigues: "Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei–de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente a minha óptica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico." O TAGV comemora assim este dia com uma incursão pelos novos caminhos que se abrem ao teatro, pela exploração dos capitais humanos disponíveis, do corpo à voz, dos sons – ruídos sociais - aos esgares e à intensidade das presenças. Sobre o enredo escreveu José Caldas: " Um simples beijo num moribundo, no asfalto quente, testemunhado pela multidão apressada da grande cidade, vai desencadear a tragédia. Os órgãos de comunicação, a polícia corrupta, o cidadão anónimo e prenhe de preconceitos vão dar ao simples acontecimento uma dimensão hiperbólica e transformá–lo num acontecimento mediático (...) que vai desintegrar uma família e pôr em questão o doce lar, os afectos permitidos, as relações construídas sobre a hipocrisia e o senso comum." Imperdível.

E é à música que cabe o fecho de mais um mês cultural, com o recital de homenagem a Pinho Brojo, no dia 30, em que lhe será entregue a Medalha da Cidade. Mas nem só de espectáculos se vale a programação do TAGV, que preenche todos os espaços disponíveis com diversas exposições. Desde meados do mês passado está patente a exposição alusiva à revista "Sibila", publicação com sede em Sevilha e vocacionada para a divulgação da criação literária em todas as línguas do estado espanhol, bem como de países latino–americanos e principais países da Comunidade Europeia. Uma aposta forte e inovadora que pode conhecer até dia 25.

Com o dia Mundial do Teatro estreia–se a mostra de fotografias de Augusto Baptista, subordinada ao tema "Um Projecto de Intercâmbio Teatral na Comunidade Lusófona", e que se insere na Festa do Intercâmbio Teatral Lusófono, com que o TAGV celebra esta efeméride. Aberta a todos, no espaço do Café Teatro.

A fechar esta expedição pela oferta cultural proporcionada pelo Teatro Académico, impõe–se uma referência às Conversas no Café Teatro. Depois de "Cidades (In)Visíveis" e de "As Palavras e o Teatro" é a vez de uma associada à exposição já referida, e que conta com a participação de José Caldas, António Augusto Barros, Cândida Ferreira e Fernando Mora Ramos.

Andreia Gouveia

Quando assassinaram Garcia Lorca



Assim começa um poema de Ievtuchenko, poeta russo contemporâneo em homenagem à memória do grande poeta granadino. Ainda segundo Ievtuchenko, *"apenas os don quixotes de brinquedo das montras das lojas se ergueram na sua impotência contra esse acto cobarde"*.

Federico García Lorca nasce em 1898 em Fuente vaqueros, perto de Granada, sendo assassinado em 19 de Julho de 1936 pelas legiões fascistas de Franco, aquando da ocupação de Granada, cidade bem-amada de Lorca e que este se recusou a deixar. Punido pela sua homosexualidade, pelo seu apego a uma estética indesejada pelo regime e pelo seu apoio claro à Frente Popular. A verdade da sua morte foi escamoteada durante uma dezena de anos.

A escrita de Lorca foi fortemente impressionada pela "alma andaluza" e por todo o misticismo mudéjar e cigano que dinamicamente moldavam o cenário da sua inspiração. Tal é patente numa sua primeira fase: Poema del Cante Jondo (em profunda colaboração com o compositor Manuel de Falla), Romancero Gitano e Diván del Tamarit . Também essencial é a cidade-princesa de Granada (*"Tierra soñada por mi"* nas palavras de Lara, compositor chileno), que surge não meramente como palco da sua arte, mas como verdadeira personagem: *"Hoy, Granada, te elevas ya muerta para siempre en túmulo de nieve y mortaja de sol, esqueleto gigante de sultana gloriosa devorado por bosques de laureles y rosas, ante quien vel y llora el poeta español. Hoy, Granada, te elevas guardada por cipreses (llamas petrificadas de tu vieja passión."*. A Alhambra dos medievos islâmicos, a torre da vela, o sino da vega, os bairros sulcados de incertas e tortuosas ruas onde se recolhem prostitutas, casas de flamenco, velhas ciganas quiromantes (O Realejo, o Albaicín), e sempre, sempre presentes os ciprestes que altaneiros surgem ante os vetustos palacetes mouros. Como escrevera um outro poeta granadino, Angel Ganivét, não existe castigo mais cruel que ser cego em Granada.

Lorca fazia parte da "inteligentsia" espanhola de vinte e trinta, convivendo com Guillén, Salinas, Alberti, Buñuel, Dalí, Unamuno.

Em 1934 morre na arena um toureiro, Ignazio Sánchez Mejías, que era presença activa nas tertúlias culturais da época. Em sua homenagem escreveu Lorca Llanto per Ignazio Sánchez Mejías. : *"A las cinco de la tarde. Eran las cinco en punto de la tarde. Un niño trajo la blanca sábana a las cinco de la tarde. una espuerta de cal ya prevenida a las cinco de la tarde. Lo demás era muerte y solo muerte a las cinco de la tarde(...) las heridas quemaban como soles a las cinco de la tarde(...) Ay qué terribles cinco de la tarde! eran las cinco en todos los relojes! eran las cinco en sombra de la tarde!"*.

Outro exemplo do trágico fatalismo lorquiano (talvez uma antevisão do seu destino) e da opressiva contagem decrescente do relógio da morte préanunciada é o de Muerto de Amor . Também notória na génese do estilo de García Lorca é a influência de Walt Whitman em Poeta a Nueva York: *"La aurora de Nueva York gime por las inmensas escaleras buscando entre las aristas nardos de angustia díbujada(...) La luz es sepultada por cadenas y ruidus en impúdico reto de ciencia sin raíces. Por los barrios hay gentes que vacilan insomnes como recién salidas de un naufragio de sangre"*.

Inolvidável é a presença da cigana alma nómada e misteriosamente melancolicamente inconstante em Romancero Gitano "Romance de la Luna, Luna": *"La Luna vino a la fragua con su polisón de nardos. El niño la mira mira. El niño la está mirando. en el aire conmovido mueve la luna sus brazos y enseña, lúbrica y pura, sus senos de duro estaño. Huye luna, luna, luna. Si venieran los gitanos, harían con tu corazón collares y anillos blancos. Niño, déjame que baile. cuando vengan los gitanos te encontrarán sobre el yunque con los ojillos cerrados. huye luna, luna, luna, que ya siento sus caballos(...) Dentro de la fragua lloran, dando gritos los gitanos. El aire la vela, vela, el aire la está velando."*

Em suma, uma sensibilidade especial, um uso fabuloso da lingua castelhana, nada hermético, interiorizando as expressões populares (o fatalista "Ay!"), uma poesia de simplicidade e de doce magia do subtil sentimento, profundamente contemplativa mas fugindo à estática, e uma profunda declaração de amor à sua paixão hipostasiada no tempo, cidade que outrora foi das grandes do mundo e hoje dorme, descansando de todo a sua sangrenta e trágica história, caracterizam a poesia de Lorca.

Também teatro escreveu Lorca, Mariana Pineda , Doña Rosita la Soltera, A casa de Bernarda Alba, A Sapateira Prodigiosa... Mas optamos claramente, dentro da economia de espaço que se nos permite, pela poesia, e mesmo assim, muito pela rama.

Varias antologias de Lorca existem no mercado livreiro português. Uma excelente edição bilingue da Relógio d'água encontra-se facilmente nos escaparates das livrarias.

Rui Prista Cascão

A 5ª a escritura do projecto grafico de Tiago Gomes e Patricia Brito, "Biblia", apareceu agora em formato XL. Uma nova imagem de uma revista que veio dar mais vida à moribunda produção portuguesa n... género e que conta ja com 1... boradores em 6 numeros ... quais o do presidente d... boa, João Soares. Da ... Mariana Viegas ao ... lo Abreu, passando ... de Luis lazaro e ... to de Paulo Men... -se como uma revista de artes para qualquer não-católico praticante. Em todos os melhores livreiros de Portugal e em Coimbra à venda na Livraria Finisterra.

Bíblia

Os Vídeos da Cabra

Aberto Até de Madrugada

Um fantástico filme de Robert Rodriguez, com argumento de Quentin Tarantino.

"Aberto Até de Madrugada" é Tarantino a 110 por cento. Rios de sangue temperados com humor negro; criminosos psicopatas em fuga, um padre que perdeu a fé, os filhos dele, e vampiros - muitos vampiros.

No princípio o filme é perfeitamente reconhecível, chegando mesmo a parecer uma simples variação de outros filmes do estranho universo "tarantiniano". Depois a história descamba num terrível filme de terror, misturando com as personagens típicas do argumentista vampiros sanguinários, que surgem disfarçados de belas dançarinas num bar perdido no meio de um deserto mexicano. É aqui que o filme se destaca de "Cães Danados", ou "Pulp Fiction". É aqui que o filme ganha força própria, assumindo–se como um objecto singular.

Uma palavra para os actores, anormalmente pouco exuberantes, notando-se mesmo uma estranha inadaptação aos personagens no caso de George Clooney e Harvey Keitel. Em grande estam Quentin Tarantino e Juliette Lewis, talvez por os seus personagens serem estereotipos mais facéis de 'encarnar'. A estranheza das interpretações acaba, no entanto, por se entranhar, contribuindo para a solidificação do ambiente fantástico do filme.

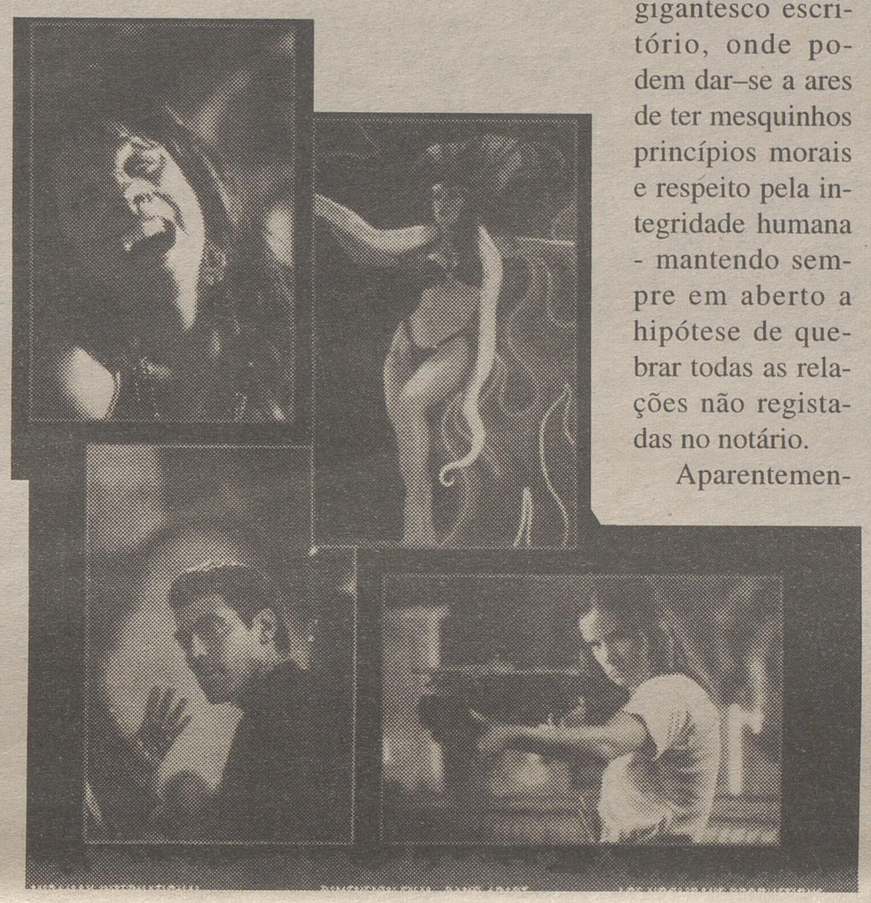
A Robert Rodriguez, cabe filmar a fantástica história imaginada por Tarantino. Trabalho que ele desempenha com grande mestria, conseguindo provocar no espectador desde o mais profundo nojo, até um requintado desejo sexual, passando por risos de descompressão.

Imperdível.

MP

Jerry Maguire

Em Jerry Maguire, Tom Cruise fala, fala e fala. Fala no trabalho, fala na cozinha, fala na cama. Em verdade ele nunca se cala, nunca se cansa de explicar



tudo, tim tim por tim tim. Não vá o espectador interpretar erradamente a "mensagem". É preciso que fique bem claro que ele só tardiamente se apercebe de que se apaixonou pela sua secretária; é ainda mais preciso dizer que ele não tem a intenção de misturar trabalho com prazer...

Aqui o amor tem a dimensão de um contrato de trabalho, com clausulas bem definidas mas de princípios facilmente remetidos para o esquecimento, assim surja uma melhor oportunidade económica.

Se para os primeiros inquilinos do continente norte–americano, o paraíso era um imenso território com caça abundante, para os actuais norte–americanos o paraíso deve ser um gigantesco escritório, onde podem dar–se a ares de ter mesquinhos princípios morais e respeito pela integridade humana - mantendo sempre em aberto a hipótese de quebrar todas as relações não registadas no notário.

Aparentemente Jerry McGuire é um homem em luta contra o egocentrismo da "american way of life", pelo humanismo das relações, pela sociedade de entre–ajuda.. Mas a forma como o faz, é uma exacerbação epopeica daquilo que pretende destruir. É ele o solitário cavaleiro do bem, contra tudo e todos. É ele quem coloca o trabalho acima de tudo e todos, apenas dizendo fazer o contrário quando pretende assumir protagonismo.

Mais do que uma crítica, o filme é um elogio hiprócrita do individualismo nunca assumido e do falso altruísmo.

É tão bonito comer flocos de cereais pela manhã, passear o cão e brincar com o puto dos outros, manipular–lhe os horizontes, roubar–lhe a liberdade! Tão bonito, tão bonito que não consegui ver o filme até ao fim. A paciência tem limites.

Nota: este artigo não foi escrito a quente, pois que depois do filme senti uma necessidade vital de consumir algo artisticamente, culturalmente e mesmo sexualmente estimulante. Li o excelente livro de ficção científica russo intitulado "O Miúdo". Não me lembro do nome dos autores, sei apenas que são uma dupla e escreveram também "Stalker", que Tarkovski adaptou genialmente ao cinema.

MP

JFK

O episódio mais dramático da História Contemporânea dos Estados Unidos, juntamente com a Guerra do Vietname, visto pelos olhos de um crítico da sociedade norte–americana, Oliver Stone. Sobre o Vietname nasceu, das mãos deste realizador, a trilogia que abordou as várias facetas do conflito ("Platoon", "Nascido a 4 de Julho" e "No céu e na terra") . Mais actual foi a crítica aos media e à sua influência na sociedade norte–americana de hoje, no excepcional "Natural Born Killers". O seu "curriculum" não se restringe contudo a estes filmes, existindo outros excelentes, como "Wall Street".

Em JFK, Oliver Stone expõe, através de Garrison (Kevin Costner), o procurador público de Nova Orleães, a sua versão sobre o assassinato de John Fitzgerald Kennedy, a 22 de Novembro de 1963, em Dallas. Com personagens reais e actores bem escolhidos para as desempenhar (destacando–se Gary Oldman, Tommy Lee Jones e Joe Pesci), Stone realiza, através da estrutura de documentário, um filme que prova, à luz do bom senso e da exploração das provas que Garrison reuniu na década de 60, que a versão oficial não passa de (mais) uma mentira produzida pela Administração Norte–Americana para tentar explicar o inexplicável. Grande derrotado na noite dos Óscares por "Silêncio dos Inocentes", (o que se compreende não só pelo argumento como pelos actores deste último), não deixa de ser um grande filme político. O enredo, se afasta o grande público, conquista os adeptos das teorias de conspiração, bem como todos os que apreciam a qualidade e a análise sóbria de que só Stone é capaz.

Recomenda–se pois vivamente, não só pelo tema, que marcou a história deste século, mas sobretudo pela abordagem, sem complexos e sem medos.

JMA

TITANIC

Nesta secção, em que habitualmente criticamos edições videográficas, a excepção justifica–se para impedir a opção de ver este filme em vídeo, perdendo assim um momento que só o cinema consegue recriar. Não significa isto que o filme perca qualidade quando visto na comodidade do lar mas, há que dizê–lo com frontalidade, determinados espectáculos só resultam em palcos condignos, e a apoteose cinematográfica que dá pelo nome de "Titanic", só no grande ecrã consegue atingir a rara, mas merecida, classificação de obra–prima.

As histórias que rodearam a rodagem do filme mostram bem o caracter de mega produção e a arriscada aposta que este filme constituiu, tendo as previsões mais pessimistas saído completamente goradas: "Titanic" bateu já todos os recordes de bilheteira, é o mais visto filme de sempre, e arrisca–se a, em finais de Março, entrar para a história dos Óscares, com 14 nomeações (o que só aconteceu uma vez, com "Ben Hur") e hipóteses reais de arrecadar mais de 11- o número recorde conquistado por esse épico. A aposta de James Cameron (realizador de Alien 2, Abismo e Terminator 2, entre outros) resultou em cheio, especialmente pela componente técnica do filme. As sequências dos momentos do naufrágio estão incrivelmente realistas , podendo mesmo dizer–se que a arte imitou a vida, e fê–lo com inegável mestria. As interpretações essas, eclipsam–se perante o resto do filme, com a ressalva de Kate Winslet , que Leonardo de Caprio não compromete, nem a generalidade dos demais actores. Sem excepção, Billy Zane(o milionário noivo de Rose/Kate Winslet), merecia uma viagem juntamente com o navio. Winslet, junta-se a Emily Watson no duo de grandes actrizes britânicas do final da década, e não obstante a dificuldade em conseguir que um personagem sobressaia neste tipo de filme, o facto é que Winslet, não só sobressai como"rouba" todas as cenas em que entra, tanto pela capacidade cénica como pela presença encantadora.

Imprescindível, este filme, recordes à parte, é um dos títulos da década no panorama das produções americanas, juntamente com outros, como "Natural Born Killers" e "Pulp Fiction" . Em exibição nos cinemas por mais algum tempo, quem não viu tem ainda oportunidade para o fazer , juntamente com os muitos que o pretendem rever- é que apesar do final sem suspense (o barco afunda) e da longuíssima duração (cerca de 3 horas e meia), "Titanic" é imperdível.

João Melo Alvim



Queima das Fitas 98 apresentada em conferência de imprensa

Queima Cultural já tem programa



No dia 10 de Março, pelas 15 horas, no Foyer do TAGV decorreu a conferência de imprensa de apresentação da Comissão Central da Queima das Fitas 1998, tendo sido apresentado o cartaz para este ano e toda a informação que até ao momento estava disponível. No cartaz, da autoria de José Souto, são visíveis as diferenças em relação aos anos anteriores. Quanto ao programa da Queima, só ao nível cultural e desportivo se pode falar em termos definidos , visto que as Noites do Parque ainda estão a ser preparadas. O comissário responsável pelo pelouro da Cultura, Patrìcio Mendes, apresentou um vasto rol de eventos, já situados no tempo e no espaço. Sobressaiem do programa alguns acontecimentos inéditos, como o Festival de Coros Universitários (dia 30 de Abril), o Encontro Ibérico de Cartoonistas (dia 2 de Maio) e o espectáculo de lançamento do CD–ROM do VII Festuna (dia 11 de Maio). No entanto, e como o comissário frisou, a grande aposta a nível cultural prende–se com as comemorações do 20º aniversário do Maio de 1978, que marcou o ressurgimento das tradições académicas abandonadas após o luto académico ter sido decretado em 1969. A figura do Dr Luiz Goes, referência incontornável da Academia, principalmente na cena do Fado de Coimbra, será relembrada através de vários eventos entre 30 de Abril e final de Maio, ocorrendo entre outros, um passeio de homenagem (dia 1 de Maio) e um espectáculo intitulado "História do Fado de Coimbra e Homenagem ao Dr Luiz Goes".

No âmbito do Desporto, o comissário Nuno Freitas concebeu um programa que, nas palavras do próprio, se encontra algo atrasado, devido aos problemas que rodearam o início do trabalho pela Comissão, mas que já "promete", salientando–se os Caminhos de Santiago de Compostela - um percurso de BTT, Rafting, uma Feira Radical com um Rocódromo (estrutura destinada à prática de escalada) e um Half–Pipe (uma rampa para patins em linha), e a realização do 1º Torneio Universitário de Hóquei em Patins. Quanto às secções desportivas da AAC, os projectos apresentados ainda estão a ser analisados segundo considerações orçamentais.

Para as Noites do Parque não foi tornado público qualquer nome de banda, por estarem ainda a decorrer negociações com a produtora Losango. Pedro Bruno, comissário pelo Parque, adianta no entanto que os moldes em que as Noites decorrerão serão praticamente os mesmos, apostando na melhoraria das condições do palco 2, onde se prevê a actuação de bandas regionais e nacionais de pequena e média dimensão. Contudo, e para não variar, o problema da utilização do Parque da Cidade como local da Queima mantem–se, com a já habitual oposição por parte da Câmara Municipal. Para breve está a marcação de uma reunião que desbloqueie a situação, pelo que a Comissão não pode ainda assegurar o local das Noites do Parque . O Parque da Cidade e o Choupalinho são as opções em aberto, uma vez que o tão falado Queimódromo não se encontra ainda construído, e há dúvidas legítimas sobre as condições de transferência da Queima para a margem esquerda. Aguarda–se que o Dr. Manuel Machado e a sua equipa tomem um passo decisivo, evitando assim a repetição anual desta discussão, para que finalmente haja um sítio adequado a receber aquela que, para muitos, é a verdadeira festa da Cidade. De qualquer maneira, os comissários estão a apostar na realização no espaço habitual, vulgo Parque da Cidade.

Para além do programa deste ano, abordou–se o problema dos recibos dos carros do Cortejo, que só esta semana se encontrará regularizado, com a solução nas mãos da DG/AAC e das Finanças. Relativamente às suspeitas que de ano para ano se levantam, ficam as palavras de Carlos Neri, presidente da Comissão Central: "o que aconteceu no ano passado, não vai acontecer este ano". Esperamos que tenha razão.

A terminar, ficou o alerta para os anos vindouros, de modo a não se repetir o atraso no início dos trabalhos da Comissão, que tem vindo a ser provocado pela necessidade de rever anualmente os estatutos, só depois procedendo à tomada de posse - facto que este ano deixou os comissários com 3 meses de trabalho oficial, tempo reconhecidamente insuficiente para a preparação de uma Queima.

João Melo Alvim